



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE - ICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

CAMILE LEAL DE MEDEIROS

LOS MEDEIROS: UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS CEARENSES

FORTALEZA

2023

CAMILE LEAL DE MEDEIROS

LOS MEDEIROS: UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS CEARENSES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Poéticas da criação e do pensamento em artes.

Orientadora: Profa. Dra. Francimara Nogueira Teixeira.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M438l Medeiros, Camile Leal de.
Los Medeiros: Uma Família de Artistas Cearenses / Camile Leal de Medeiros. – 2023.
97 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Francimara Nogueira Teixeira.
1. Processo de criação. 2. Roteiro. 3. Família. 4. Artes Plásticas. 5. Fortaleza. I. Título.
- CDD 700
-

CAMILE LEAL DE MEDEIROS

LOS MEDEIROS: UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS CEARENSES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Poéticas da criação e do pensamento em artes.

Aprovada em: 30/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francimara Nogueira Teixeira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Claudia Teixeira Marinho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Daniela Duarte Dumaresq
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, aos meus pais Márcia e Anselmo, à
minha avó Idelzuite, minha família querida e
aos meus amigos

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Ceará, por ter acreditado na minha proposta de pesquisa e ter me concedido essa oportunidade única e tão valiosa, de ser mestranda em uma das melhores universidades públicas da América Latina, da qual tenho muito orgulho de fazer parte e de estar situada em minha cidade natal;

À Profa. Dra. Francimara Nogueira Teixeira, pela excelente orientação. Sempre muito disponível, presente, participativa, compreensiva, humana, parceira e o que podemos chamar de orientadora dos sonhos de qualquer mestranda;

Às professoras participantes da banca examinadora: Cláudia Teixeira e Dani Dumaresq, por todo o apoio e incentivo que me deram ao longo dessa trajetória, além do tempo, valiosas colaborações e sugestões;

Aos demais professores do PPGARTES que estiveram comigo ao longo das disciplinas me ajudando, ensinando, mostrando verdadeiros novos e belos mundos;

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

RESUMO

Essa é uma pesquisa que trata do processo criativo de escrita de roteiro para documentário sobre uma família de artistas cearenses da qual faço parte, autointitulada Los Medeiros. Nela me detenho em reunir parte do acervo de imagens e documentos desses artistas como procedimento para criar outros materiais poéticos, visando utilizá-los como inspiração para a criação e produção de um roteiro para documentário. Tendo em vista que vários artistas de Fortaleza acabam sendo esquecidos com o passar do tempo, esta pesquisa pretende contribuir para a memória da história desses artistas, dando também visibilidade às suas trajetórias. Entre os objetivos da pesquisa estão os de registrar o meu processo de criação, de reunir novos materiais poéticos, de criar o roteiro para o documentário, de refletir sobre os modos de pensar em arte, a liberdade de criação e a fluidez como isso ocorre. Para isso, foi feito levantamento bibliográfico (Salles, Agamben, Kastrup, Didi-Hubermann, Vilain, Comolli, entre outros), seleção de material documental, entrevistas em vídeo, diário de campo, relatos ficcionais e criação de pranchas com algumas imagens coletadas, trazendo uma contribuição para a pesquisa em artes, tanto pelas relações entre os autores escolhidos, quanto pelas inspirações que eles me proporcionaram para a escrita do roteiro.

Palavras-chave: processo de criação; roteiro; memória; família; artes plásticas em Fortaleza.

ABSTRACT

This is a research that deals with the creative process of writing a script for a documentary about a family of artists from Ceará that I belong to, the self-titled Los Medeiros. In it, I focus on gathering part of the collection of images and documents from these artists as a procedure to create other poetic materials, aiming to use them as inspiration for the creation and production of a script for a documentary. Bearing in mind that several artists from Fortaleza end up being forgotten over time, this research intends to contribute to the memory of the history of these artists, also giving visibility to their trajectories. Among the objectives of the research are to record my creation process, to gather new poetic materials, to create the script for the documentary, to reflect on the ways of thinking about art, the freedom of creation and the fluidity with which this occurs. For this, a bibliographical survey was carried out (Salles, Agamben, Kastrup, Didi-Hubermann, Vilain, Comolli, and others), selection of documentary material, video interviews, field diary, fictional reports and creation of boards with some collected images, bringing a contribution to research in the arts, both for the relationships between the chosen authors, and for the inspirations they provided me for writing the script.

Keywords: creation process; screenplay; memory; family; fine arts in Fortaleza

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1–	Registro dos testes com o fone do celular	20
Figura 2 –	Registro de teste na loja, antes de comprar o microfone de lapela.....	20
Figura 3 –	Frame do vídeo realizado no dia 02.09.2022	65
Figura 4 –	Los Medeiros	66
Figura 5 –	Frame do vídeo realizado no dia 05/02/2022	67
Figura 6 –	Pranchas produzidas durante a pesquisa.....	68
Figura 7 –	Frame do vídeo realizado no dia 18/09/2021	69
Figura 8 –	Frame do vídeo realizado no dia 09/10/2022	70
Figura 9 –	Frame do vídeo realizado no dia 01/11/2021	71
Figura 10 –	Frame do vídeo realizado no dia 01/11/2021	72
Figura 11 –	Frame do vídeo realizado no dia 01/11/2021	73
Figura 12 –	Frame do vídeo realizado no dia 01/10/2022	74
Figura 13 –	Frame do vídeo realizado no dia 25/09/2021	74
Figura 14 –	Frame do vídeo realizado no dia 25/09/2021	75
Figura 15 –	Frame do vídeo realizado no dia 25/09/2021	76
Figura 16 –	Frame do vídeo realizado no dia 18/09/2021	77
Figura 17 –	Frame do vídeo realizado no dia 01/10/2022	78
Figura 18 –	Frame do vídeo realizado no dia 14/10/2022	79
Figura 19 –	Frame do vídeo realizado no dia 02.09.2022	80

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Referências metodológicas	13
1.2	Objetivos e Metodologia	18
1.3	As partes da dissertação	21
2	RE-MEMÓRIAS	23
2.1	Parede de casa 1	24
2.2	Parede de casa 2	26
2.3	Argila	27
2.4	Casa do Balbino	28
2.5	Estoril	29
2.6	Oboé	31
2.7	Exposição sem saber o lugar	32
2.8	XIII UNIFOR Plástica	33
2.9	Escolinha de arte	35
2.10	O encontro	36
2.11	Um sonho e umas reflexões	38
2.12	As obras	40
2.13	Anselmo	41
2.14	A fé e algumas obras	42
2.15	Aderson Medeiros	43
2.16	Amigos	44
2.17	Amizades, esculturas e família	45
2.18	Os irmãos	46
2.19	Passados e Presentes	47
2.20	Os tios e as sobrinhas	48
2.21	Los Medeiros	49
2.22	Filhas e neta	50
2.23	Minha mãe, Márcia	51
2.24	Formaturas	52
2.25	As obras II	53
2.26	Alguns modos de pensar em artes	54

3	A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO LOS MEDEIROS	59
3.1	Caminhos que levam ao roteiro.....	59
3.2	Versão atual do roteiro.....	64
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
	REFERÊNCIAS.....	84
	APÊNDICE A – LEGENDAS DAS RE-MEMÓRIAS II.....	87
	APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADO	90
	APÊNDICE C – ORIENTAÇÕES AOS ENTREVISTADOS.....	91
	APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM.....	92
	ANEXO A – MATÉRIA DE JORNAL SOBRE OS 5 IRMÃOS HOMENS E ARTISTAS DA FAMÍLIA TAVARES MEDEIROS EM 1982	93
	ANEXO B – MATÉRIA DO THE DAILY JOURNAL EM 1980 SOBRE ADERSON MEDEIROS	94
	ANEXO C – ENTREVISTA CONCEDIDA POR ANSELMO PARA O JORNAL, SEM IDENTIFICAÇÃO DE DATA	95
	ANEXO D – DIVULGAÇÃO NO JORNAL DE EXPOSIÇÃO FEITA PELOS IRMÃOS ADERSON E ANSELMO MEDEIROS, COM ENTREVISTA	96
	ANEXO E – FOLDER DA EXPOSIÇÃO FEITA PELOS IRMÃOS EM 1986.....	97

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa trata do processo de criação para elaboração de um roteiro para documentário sobre a família Tavares de Medeiros, autointitulada carinhosamente de *Los Medeiros*, que é a minha própria família paterna, (da qual um casal trouxe ao mundo cinco filhos e duas filhas, todos com a letra “A” no início dos nomes), e que possui diversos artistas mais conhecidos e outros nem tanto.

Nessa investigação me detenho em reunir parte do acervo de imagens e documentos desses artistas, através de visitas, entrevistas, observação, escuta com cada um deles, a fim de produzir material para um documentário.

Ao mesmo tempo em que faço parte dessa família, também sou uma pesquisadora percorrendo meu próprio processo de criação, registrando-o e investigando-o, convivendo com os meus próprios limites físicos e mentais. Junto a isso, busco ser uma pesquisadora sensível e talvez poética, que enxerga nessa oportunidade o privilégio de estudar em uma das melhores universidades da América Latina, sendo gratuita e aberta para todos. Existe aqui a Camile discente do mestrado, que é filha de alguém, sobrinha de vários, irmã e tia.

Também fui em busca do material colecionado por meu pai, Anselmo Medeiros, ao longo dos anos: ele possui várias páginas de jornais com matérias sobre ele, outras sobre a família e folders antigos de suas exposições. Lendo esse material, identifiquei um discurso recorrente sobre algumas dificuldades em aparecer no cenário das artes plásticas em Fortaleza.¹

Além desse material impresso, também sempre houve no discurso verbal do meu pai e dos meus tios alguns relatos sobre falta de valorização da arte no Estado e no país e as dificuldades de se manter no meio artístico, além da quantidade reduzida de espaços para expor e certas “panelinhas ou cartas marcadas” nesse meio.

Quando percebi a quantidade de material que já estava ali, com a curadoria do próprio tempo, entre folhas de jornais, diversas fotos, a riqueza das produções artísticas e a quantidade significativa em uma única família, vi nesse espaço aberto pelas queixas trazidas por eles a oportunidade ideal para estudar essa fragilidade relatada, assim como as vivências pessoais de cada um na arte, os processos individuais de criação e a sobrevivência de todos nós enquanto sujeitos, que fazemos parte de um contexto sociopolítico bem maior.

Identificada a oportunidade, acendeu-se em mim a “luz de pesquisadora” e vi nessa lacuna, nesse incômodo, a oportunidade ideal para realizar esse estudo no contexto da minha

¹ Algumas dessas matérias de jornais estão disponíveis nos anexos.

própria cidade e refletir como toda essa bagagem reverbera em mim (desde minha formação, passando por influências sutis nos meus gostos, pensamentos...) e como tudo isso me afeta, molda-me e me atravessa diretamente, em todos os aspectos da minha vida.

Para a construção do roteiro referente ao documentário, trago um pouco da trajetória dos artistas da família, como os principais personagens, pois se conectam com as expressões e experiências de vida através de suas obras. São eles: Aderson Medeiros (pintor), Almiro Tavares (escultor), Anna Medeiros (Artesã), Anselmo Medeiros (escultor), Alceu Medeiros (desenhista), Arnilda Medeiros (Artesã) e Carolina Medeiros (Artista Visual).

Desses mencionados, estão alguns dos irmãos Medeiros que possuem contato frequente entre si. O irmão mais velho e também o mais conhecido artisticamente, Aderson Medeiros, é quem mais fala sobre a importância de manter a família unida, preservar nossas histórias, valorizar nossa arte e cuidar da natureza. Uma matéria veiculada no Jornal OPOVO em 2003, descrevia Aderson Medeiros da seguinte forma:

Tendo iniciado nas artes plásticas no ano de 1966, o cearense Aderson Medeiros já foi premiado diversas vezes em exposições nacionais e internacionais, tendo arrebatado inclusive o primeiro prêmio da Bienal Nacional de São Paulo. No currículo, o artista contabiliza mostras em São Paulo, Caracas, Rio de Janeiro, Estados Unidos e Itália.

O segundo irmão mais velho se chama Almiro Medeiros, tem 71 anos, é agrônomo, técnico-administrativo da UFC e como artista esculpe principalmente em madeira. Ele continua com produção artística ativa e usa a rede social Instagram para divulgar suas obras de arte.

O quarto filho, Anselmo Tavares de Medeiros tem como informação mais relevante, ser meu pai. Mas antes disso, é um escultor que desde cedo já estampava algumas matérias dizendo a que veio, a exemplo de *CEARÁ: Os escultores daqui pedem passagem* que era o título da *Exposição de Esculturas Multiformas* realizada pela AABB Fortaleza em dezembro de 1992. O evento reuniu 15 artistas cearenses, incluindo Anselmo Medeiros. Em 1982 o Jornal Diário do Nordeste publica uma matéria que fala da família: "Começou riscando no chão, quando era, ainda criança. Ele cresceu cercado por uma família de artistas: seu pai era desenhista, tinha alguns tios músicos, outros pintores, sem falar nos irmãos, todos dedicados a uma atividade artística".

Já Alceu Medeiros, o irmão mais novo, é arquiteto/paisagista, guitarrista e desenhista desde que se entende “por gente” (palavras do próprio), dedicando-se a desenhar sua arte assiduamente e a divulgando em seu Instagram.

Entre as décadas de 1970 e 1980, a família despertou o interesse e a curiosidade das pessoas de forma bastante singular, como mostra a matéria sobre Aderson e Anselmo no *Jornal Diário do Nordeste* (1986):

Apesar de irmãos e artistas, não existe nenhuma influência de um para o outro. Cada um segue sua trilha, seus instintos. Aliás, Anselmo tem um processo bem peculiar de trabalho. Sem nenhum planejamento, Anselmo vai moldando a pedra ou madeira bruta, utilizando suas formas e cores.

E em outro trecho na mesma matéria, aparece o seguinte dado sobre a produção de Aderson: “Aderson Medeiros é um dos poucos artistas brasileiros que buscam a expressividade artística/cultural dos ex-votos”.

Para entender melhor a família Los Medeiros, vamos lembrar que Dona Eurídice e Seu Jeremias eram casados e tiveram sete filhos:

Quadro 1 – Graus de parentesco

Irmãos	Filhos dos Irmãos	Netos dos Irmãos
Aderson (pintor) casou com Anna Medeiros (artesã)	Érika, Jéssica e Vanessa	Giovanna e Rodrigo
Almiro (escultor) casou com Angelita	Rodrigo (guitarrista), Camila e Daniel	Violeta
Adonias (escultor)		
Anselmo (escultor) casou com Márcia Leal	Amanda (fotógrafa), Carolina (artista visual) e Camile	Sofia (desenhista)
Alceu (desenhista) casou com Marí Igarashi	Marina	
Arlete		
Arnilda (artesã)		

Fonte: Elaborada pela autora.

Por haver vários artistas na família, todos ligados por laços genealógicos e/ou sanguíneos, decidi pesquisar e estudar mais detidamente todos os meus familiares que desenvolvem uma atividade artística regular, de forma a tentar entender como toda essa vivência influenciou na minha formação, a ponto de me surgir a vontade de fazer um roteiro para um futuro documentário sobre estes “personagens” e as suas histórias.

1.1 Referências metodológicas

Quando descobri a escritora Cecília Salles através do livro *Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística*, percebi muita semelhança entre a minha forma de pesquisar (até então artesanal e intuitiva) e o que a autora chama de pesquisas sobre processos de criação, que são norteadas por documentos coletados de um mesmo autor/artista, já que “um artefato artístico surge ao longo de um processo complexo de apropriações, transformações e ajustes”. (1998, pág. 13)

Esses processos de criação possuem o conceito de que uma obra de arte passa a existir desde o momento em que a ideia surge, e são muito utilizados em um tipo de estudo chamado crítica genética, onde a análise “não é uma interpretação do produto considerado final pelo artista, mas do processo responsável pela geração da obra. A ênfase dada ao processo não ocorre em detrimento da obra” (1998, pág. 13) e esse percurso trilhado pelo artista é composto de vários arquivos, pensamentos e trabalhos que acarretam na criação (ou não) de uma obra, intitulados documentos de processo, que são esses registros materiais do processo criador.

Cecília Salles nos lembra que: “A arte está sendo abordada sob o ponto de vista do fazer, dentro de um contexto histórico, social e artístico. Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente” (1998, pág.26). Essa ideia da arte como o fazer, leva-me diretamente à produção artística na minha família pois, para todos eles, os processos artísticos começaram de forma muito natural: para abstrair ou passar o tempo, ou como um respiro para algo na vida. Não havia motivos comerciais inicialmente.

Com a crítica genética passo a compreender que a arte não está somente na criação final, mas sim em toda e qualquer coisa que influencie, inspire e faça sentido para o artista: desde o momento que se tem a ideia de fazer, passando por todo o processo de criação e construção para, enfim, chegar na fase final. E isso é reafirmado quando Salles nos diz: “aceitar a intervenção do imprevisto implica compreender que o artista poderia ter feito aquela obra de modo diferente daquele que fez. Aceita-se que há concretizações alternativas - admite-se que outras obras teriam sido possíveis”. (1998, pág 34)

A pesquisa aqui apresentada está diretamente ligada com a relação entre gerações, que se comunicam com seus antepassados, como Salles destaca ao tratar do diálogo da obra com a tradição:

A obra de arte carrega as marcas singulares do projeto poético que a direciona, mas também faz parte da grande cadeia que é a arte. Assim, o projeto de cada artista insere-se na frisa do tempo da arte, da ciência e da sociedade, em geral. Ao discutir o projeto poético, vimos como esse ambiente afeta o artista e, aqui, estamos observando o artista inserindo-se e afetando esse contexto. É o diálogo de uma obra com a tradição, com o presente e com o futuro. A cadeia artística trata da relação entre gerações e nações: uma obra comunicando-se com seus antepassados e futuros descendentes. (SALLES, 1998, pág 42)

Por se tratar de uma família, inevitavelmente essas criações artísticas possuem marcas singulares, assim como descreve Salles. Somos todos sujeitos “contaminados” pela vontade de criar algo e assim compreendemos o mundo de possibilidades que temos nesse ato, pois indissociavelmente contém uma parcela da nossa carga pessoal, nossas vivências, o modo individual de pensar, nossas crenças, limitações, nossos sonhos, as inseguranças entre outros.

Outra marca bastante singular da sociedade é o ambiente que nos afeta, como por exemplo a cidade em que nascemos e moramos. Para falar de Fortaleza, que é o berço tão querido e amado desta autora que vos escreve, olho para essa pesquisa e me reconheço fortemente, pois além de falar da minha família e do meu processo de criação, ambos estão ambientados nesta cidade.

Em Fortaleza temos a escritora Tércia Montenegro, uma artista desta referida cidade, que é professora, colunista do Jornal O Povo e possui diversos livros publicados. Dentre eles, ela escreveu o *Dicionário Amoroso de Fortaleza* que nos apresenta vários locais da cidade, organizados por ordem alfabética tal qual um dicionário.

Além deste livro em si, a autora me chamou a atenção pela maneira como escreve suas crônicas de forma leve, ao mesmo tempo envolvente e por muitas vezes com desfechos que me surpreendem. Autoras como Tércia trazem mais orgulho e valor para mim e para nossa cidade, assim como diversas mulheres cearenses que também são pesquisadoras, professoras e artistas, que me inspiram, ensinam-me e me acolhem nesta jornada.

A leitura do *Dicionário Amoroso de Fortaleza* tem acompanhado essa pesquisa à medida que traz diversos locais da cidade, que fazem parte da minha história de vida, juntamente com meus pais e minhas irmãs. O que acabou me ajudando e inspirando no desenvolvimento de material poético para o roteiro, na relação que busco abordar da família com alguns locais da cidade de Fortaleza.

Um desses locais é o Estoril, que segundo Tércia (2014, pág 70): “com seu desenho da década de 1920, manteve o nome da época em que funcionou como restaurante português. Antes disso, chamava-se Vila Morena e foi cassino em plena Segunda Guerra.”, e complementa: “Não é à toa que os artistas têm se apropriado alegremente do espaço, promovendo seminários, cursos, feiras ou shows. A vista para a Ponte Metálica garante um cenário esplêndido a qualquer

hora’’ (2014, pág 71). Esse lugar aparece como cenário do meu texto *Estoril*, que será apresentado na seção *Re-memórias*, que compõem o segundo capítulo, assim como as imagens que são descritas nessa história, que poderão ser conferidas na prancha de fotos *Amizades, esculturas e família*.

Quando entrevistei meu tio Alceu Medeiros, uma das perguntas que lhe fiz, era se existe alguma obra ou local de Fortaleza de que ele goste bastante, e em sua resposta ele mencionou o Centro de Fortaleza, que no *Dicionário Amoroso* é descrito por Tércia da seguinte forma: “Descubro, a partir de estudos sociológicos, que é nos centros que as cidades têm sua maior concentração de loucos. Em Fortaleza, não poderia ser diferente: basta um passeio rápido para constatar a estranheza de muitos personagens que perambulam, sossegados.” Em outro momento do texto, ela completa:

vou motivada pelas artes, e assim visito o Espaço Cultural dos Correios, ou o Theatro José de Alencar, ou o Sobrado José Lourenço (no caminho há profetas apocalípticos, esbravejando nas ruas) [...] Procuro a Catedral, com seus vitrais, seus arcos sagrados (em frente, na loja de redes, sorri um menino lunático). Vou ao Mercado Central e depois volto meus passos até a Praça dos Leões, vejo a Academia Cearense de Letras... Sempre que ando por aqui, no coração de Fortaleza, tenho a sensação de conhecer o povo - e compreendê-lo. (2014, pág. 45 e 46)

Essa leitura me fez imaginar como seria se eu fosse ao Centro de Fortaleza com o tio Alceu...Provavelmente iríamos fazer compras nas lojas perto do Raimundo dos Queijos (para comprar uma rede de Jaguaruana), eu também sempre gosto de passar em uma loja de bijuterias que fica em frente à praça do Ferreira, tem produtos ótimos com um preço justo. O Alceu no momento de fome iria querer um pastel com caldo de cana do Leão do Sul, e quem sabe talvez fôssemos ver algum filme no Cine São Luiz? Ou comprar produtos de palha numa rua inteira dedicada a esse nicho...

Imagino o passeio mais ou menos dessa forma, sendo sempre o tio Alceu a pessoa mais acelerada enquanto eu aproveito para olhar o céu, os prédios, mas ambos com muita atenção aos possíveis furtos, pois nisso somos bastante parecidos.

Já na entrevista que fiz com o meu pai, para a mesma pergunta ele respondeu que gosta muito do Parque do Cocó e me lembrei de que já tive uma comemoração de dia das crianças do colégio por lá. Guardo essa memória com muito carinho, pois foi um dia super divertido e agradabilíssimo que passei com meus pais: minha mãe preparou um lanche muito bom para o piquenique que tivemos com todas as crianças e familiares, a escola também preparou diversas brincadeiras como caça ao tesouro e meu acompanhante nessa aventura foi meu pai, que sempre gostou de bichos e plantas.

A referência que Tércia nos traz sobre o Cocó, em seu livro, é que:

O Cocó parecia um rio eterno, nascendo na Serra da Aratanha, em Pacatuba, para desembocar no bairro Caça e Pesca, no litoral leste. O Inventário Ambiental de Fortaleza mostrava o rio cruzando a cidade, e eu imaginava aqueles 25 quilômetros de água circulando na metrópole, irrigando o manguezal. (2014, pág 195)

Tive a honra de conhecer esta nascente em outro passeio de colégio, fica localizada dentro de um Parque Ecológico situado aos pés da Serra de Pacatuba. Gerou-me um sentimento de pertencimento muito grande, poder beber a água limpa daquela nascente e saber que ela se torna o maior e mais importante rio da nossa cidade. Tanto que tenho essa memória muito viva na minha mente, e a guardo com muito carinho.

Para encerrar esse mini tour familiar, um dia desses estava andando com meu pai pelo Centro da cidade e chegamos ao Passeio Público. Ele começou a me contar sobre o tempo em que serviu ao exército (por não livre e muito menos espontânea vontade) no Forte vizinho ao Passeio e foi me mostrar onde era seu ponto de guarda nos plantões, a vez em que foi pego dormindo e outros causos. Quando percebi a oportunidade aleatória e desprogramada que havia se formado, rapidamente peguei meu celular e mesmo sem o microfone externo, comecei a filmá-lo. Ele estava visivelmente empolgado e dada a beleza do local, as filmagens ficaram lindas!²

No livro, Tércia traz um fato histórico sobre esse local, que possui tema similar às histórias contadas por meu pai: “[...] Praça dos Mártires. Sim, este é outro nome para o Passeio Público - embora não seja muito usado, pelo teor fúnebre. Em 1825 houve aqui uma tragédia, o fuzilamento dos confederados do Equador.” (2014, pág 176). Ao revisitar esses espaços durante a pesquisa, e neste último caso junto com minha família, surgiram-me lembranças de momentos, histórias, sentimentos da infância e novos sentimentos.

Diante das particularidades de cada um dos irmãos e de suas produções artísticas, é meu interesse que nesse roteiro possa ser promovido um mergulho nas histórias, referências, influências, criações dos artistas e as minhas memórias desde a infância, crescendo e convivendo em um ambiente familiar artístico.

Venho reunindo essas memórias em uma forma de escrita que se vê refletida no que conhecemos como escritas de si e/ou escritas do eu. O autor Pedro Araújo, define-as assim:

As escritas do eu servem, no mínimo, como uma tentativa de organização da experiência vivida. O sujeito que narra a si mesmo busca, fundamentalmente, dar sentido à própria existência, fixar sua identidade e garantir sua permanência. Escrever é, portanto, conferir significado à própria vida. (2011, p. 10)

² Tais imagens aparecem no início e no final do roteiro

O autor completa esse pensamento, dizendo: “o passado carece de organização narrativa para que seja possível atribuir-lhe sentido - e, feito isso, vinculá-lo à própria imagem que se faz de si.” (2011, p.38). Tais afirmações confluem e se assemelham diretamente aos meus objetivos a serem contemplados nessa pesquisa, que envolvem um processo de escrita das minhas memórias com a minha família, assim como uma nova organização narrativa do acervo de fotos e matérias de jornal.

No início da pesquisa a ideia era fazer um roteiro para vídeo, realizar as filmagens e finalizar com um documentário sobre a minha família. Porém, ao longo da caminhada, resolvemos olhar com mais atenção para esses materiais de arquivos e ver o que neles poderia ser acrescentado na pesquisa e no roteiro, por isso, achamos melhor nos dedicarmos a um verdadeiro tempo de qualidade na escrita do roteiro, servindo futuramente para a possível edição e criação de um documentário. Quando essa decisão foi tomada, algumas entrevistas já haviam sido realizadas e eu já tinha esse material em vídeo e por causa disso, decidi continuar realizando as filmagens, de forma que o roteiro, a partir daí, foi sendo construído considerando esses vídeos. Ao mesmo tempo que testava novas versões para o roteiro, continuei realizando as entrevistas e fazendo novos vídeos dos encontros com meus parentes. Dessa forma, esses materiais, os já filmados e os em curso, passaram a exercer influência direta na forma de pensar e estruturar o roteiro e vice-versa.

De certa forma esse roteiro, ao longo do seu processo de criação, passou em alguns momentos por um processo inverso, já que parte das imagens já capturadas durante o processo de pesquisa trouxeram novos insights para a escrita do próprio roteiro. Importante salientar que o roteiro apresentado no final dessa pesquisa ainda não é a versão definitiva e final, mas sim o primeiro agrupamento de uma sequência possível de cenas e referências

A autora Thais Blank, no artigo *Filmes de família, cinema amador e a memória do mundo*, diz que:

Os cineastas dissolvem as funções originais do material encontrado — filmes de família para serem vistos pela família, visando o fortalecimento dos laços e a continuidade do grupo — para obter novas configurações sensíveis. As imagens deixam de estar a serviço da memória familiar para se tornar testemunhas da história, compartilhadas, produzindo experiências inéditas para um público de anônimos. (2012, pág 56)

Blank reflete aqui sobre os filmes domésticos ou filmes de família, produzidos sem a pretensão de se tornarem um documentário. Na minha pesquisa, não trago nenhum material filmado previamente (porque os acervos da minha família consistem em fotos e matérias de

jornal), embora eu perceba a importância de realizar os registros em vídeo de forma mais natural possível, tentando conservar nas entrevistas que realizei o clima familiar e intimista.

Assim como no artigo *Filmes de família e cidade: Construção de um lugar de memória possível*, a autora Maíra Bosi compreende os filmes de família como:

esforço de criação de arquivos imagéticos que possam colaborar para a construção de uma memória comum. São, portanto, vestígios materiais, plenos de valor simbólico que cumprem a função primordial de ancorar lembranças e assegurar que o passado, de fato, aconteceu e faz parte da história de determinado grupo de pessoas. (2016, pag 646)

Ao mesmo tempo em que criamos novos arquivos imagéticos a partir de arquivos já existentes e antigos, ditos como vestígios materiais, conseguimos ancorar essas lembranças e recriá-las tal qual acontece na sessão das re-memórias que compõem o segundo capítulo dessa pesquisa.

1.2 Objetivos e Metodologia

Esta pesquisa objetivou contar a história de uma família de artistas de Fortaleza, Los Medeiros, da qual faço parte, através do desenvolvimento de material poético e da criação de um roteiro para documentário. Para tanto, interessou reunir diferentes materiais de arquivo e também produzir novos documentos, como pranchas com fotografias antigas, além de entrevistas filmadas, filmagens de testes, a fim de criar novos sentidos, novas percepções e entendimentos sobre a própria história desses artistas nessa cidade.

Outros dos objetivos foram, a partir de toda a coleta destes materiais, registrar meu processo de criação; refletir sobre os modos de pensar em arte e como isso ocorre; e pensar nos artistas como indivíduos pertencentes a uma cidade que contribuem para a dinâmica do lugar onde vivem.

Para atingir esses objetivos, a pesquisa se estruturou primeiramente nas seguintes etapas: levantamento bibliográfico, seleção de material documental (matérias de jornais, imagens das obras, fotos pessoais, folders, arquivos de família), entrevistas em vídeo, diário de campo, relatos ficcionais e criações de pranchas com algumas imagens coletadas.

Dando início ao segundo momento, as entrevistas foram realizadas com coleta de áudio e imagem de forma presencial nas cidades de Fortaleza, Caponga (especificamente na Praia do Balbino) e em São Paulo, nas quais residem os artistas que foram pesquisados, assim como seus familiares.

As entrevistas foram iniciadas no final de setembro de 2021 e foram concluídas em novembro de 2022 dependendo da minha disponibilidade e da dos entrevistados, tendo como finalidade coletar os dados e fatos históricos, a partir das perspectivas dos artistas envolvidos.

Durante as entrevistas em vídeo, percebi que o tempo para realizar todas as entrevistas seria muito maior do que eu havia previsto inicialmente. Portanto tive a ideia de após cada dia de entrevista, fazer um relato pessoal com as minhas impressões, descrevendo o que gostei, o que não foi tão legal, com o máximo de informações possíveis e de forma muito particular, como uma alternativa de não deixar esses momentos acabarem se perdendo ou se misturando na minha memória, à medida que a coleta de imagens e depoimentos avançava e o tempo passava.

Refletindo sobre a maneira como pesquiso, surgiram várias dúvidas e tentei organizá-las mentalmente, fazendo algumas hipóteses. Por uma escolha pessoal, o meu tema precisava ser algo que agregasse valor imaterial e que me despertasse novas formas de conhecimento, pois preciso pesquisar algo que me faça crescer, aprender, olhar um recorte do mundo sob outras perspectivas.

Gosto de juntar as informações da pesquisa e visualizá-las mentalmente como em um grande painel, onde consigo ver todas ao mesmo tempo: lado a lado, e assim vou alterando a ordem de apresentação de acordo com as afinidades entre elas, quase como uma curadoria de exposição. Já percebi que sou uma estudante muito visual, tanto por cores, quanto por imagens, prezo por dinâmicas de vídeo, diferentes tipos de escritas e a visualidade estética de todos esses elementos juntos.

Por exemplo, à medida em que escrevi esses últimos quatro parágrafos na famosa “chuva de ideias”, visualizei literalmente fogos de artifício na mente. Pois só consigo avançar na pesquisa se me sentir motivada, se vir algum propósito e/ou “sentido maior” na contribuição para a sociedade, é isso que me mobiliza.

No momento de cursar as primeiras disciplinas do Mestrado em Artes, também dei início aos meus testes de equipamentos: realizei filmagens utilizando meu próprio celular, testei a captação de áudio utilizando o fone do celular (Figura 01), o que não teve sucesso pois o cabo é pequeno e fica esteticamente feio na filmagem, depois me indicaram o microfone de lapela, onde fiz um teste de áudio na própria loja antes de comprá-lo. (Figura 02)

Figura 1– Registro dos testes com o fone do celular



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 2 – Registro de teste na loja, antes de comprar o microfone de lapela



Fonte: Elaborada pela autora.

O microfone de lapela atendeu muito bem minha demanda de áudio (que era focalizar na pessoa entrevistada, sem dar evidência aos ruídos externos) e o utilizei em todas as entrevistas. As filmagens foram feitas com a câmera do meu celular, pois além de ter sido viável financeiramente, foi bem mais fácil de manusear, transportar e consegui obter imagens com boa qualidade.

Além destes equipamentos para captação de imagem e som, o processo de criação também incluiu as próprias entrevistas filmadas, minhas anotações pessoais, os filmes e documentários que assisti, as leituras realizadas entre outros, que me levaram nesse fio condutor

de inspiração e criação, até chegar ao meu produto final do mestrado, que foi a criação do roteiro para um documentário.

Enquanto fui realizando as entrevistas filmadas, dei início ao terceiro momento: a reescrita do roteiro, a partir de várias novas leituras sobre cinema, documentário, autoficção, memória, risco do real, entre outras, e o surgimento de novos materiais criados e coletados ao longo da pesquisa.

Como não possuo experiência e nem conhecimento técnico em cinema e filmagens, decidi desenvolver a nova versão do roteiro de forma livre e assim me senti mais à vontade para escrever ocupando um espaço de pessoa interessada, buscando dar luz, valorizar e homenagear esses artistas, contando através desse recorte um pedaço das artes plásticas no Ceará.

A primeira versão do roteiro, que escrevi no começo da pesquisa, foi dividida em três partes, sendo elas: *Os artistas*, *A família cresce* e *A relação com Fortaleza*. A ideia inicial era haver duas câmeras filmando simultaneamente, porém por questões de agenda, de logística e financeiras, só foi possível realizar as filmagens com uma câmera frontal.

Na versão do roteiro que trago no capítulo 3 desta dissertação, decidi mudar a forma como ele seria conduzido. Afetada por todas as leituras e vivências que passaram a integrar a pesquisa, busquei trazer uma versão mais fluida das conversas, sem partes tão bem definidas. Os artistas continuam sendo marcos centrais, mas rodeados por alguns de seus familiares, que também possuem espaço no roteiro.

Acredito que com esta investigação, trago algumas contribuições para a pesquisa em artes sobre processos de criação, como por exemplo: a descrição que faço dos meus procedimentos de coleta e recriação de arquivos, assim como a forma que articulo as noções sobre autoficção para escrever sobre as minhas memórias e da minha família, gerando assim, um documento que coloca em evidência a produção de uma família de artistas de Fortaleza.

Essa pesquisa, desde o projeto inicial, pela importância e o valor simbólico que isso tem para mim, também foi pensada como uma forma de produzir documento para que; sob a proteção da universidade, as histórias da minha família estejam guardadas ao longo do tempo e não se percam à medida que as novas gerações vão surgindo.

1.3 As partes da dissertação

A pesquisa está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo é a introdução, que acabamos de apresentar, seguido do material poético gerado a partir das escritas de si, que nomeei de re-memórias, constituindo o segundo capítulo dessa pesquisa. Ele está dividido em

três partes: os textos poéticos, as pranchas com fotografias da família e uma reflexão que traz alguns conceitos que foram utilizados como escolhas metodológicas para a construção dessas re-memórias.

O último capítulo vem dividido em duas partes, na primeira abordo conceitos que foram utilizados como inspiração para a construção do roteiro, como por exemplo o risco do real, problematizando sobre essa noção a partir de obras audiovisuais que, por sua vez, também indicaram possibilidades de composição e criação para a reescrita do roteiro. Na última parte deste capítulo, apresento o roteiro como um primeiro agrupamento de uma sequência possível de cenas e referências, tentando reunir de forma criativa o que foi produzido nesta investigação.

2 RE-MEMÓRIAS

Uma vez apresentados cada um dos Los Medeiros, convido-os a continuar conhecendo essa família de outro jeito: a partir de textos que trazem lembranças pessoais minhas (algumas inventadas também) e por uma história que passo a contar na montagem de diversas pranchas de fotos da família Medeiros, procedimento esse, inspirado, por sua vez, no Atlas Mnemosyne de Aby Warburg. Essas duas textualidades se apresentam em dois momentos distintos: as histórias que escrevi (que trazem e inventam lembranças) e as pranchas nas quais reúno diferentes imagens de família, apresentadas aqui uma em cada página.

Convido-os ao exercício de se permitir fazer relações entre essas imagens e os textos, entre esses textos e as imagens, as possíveis conexões existentes entre eles, as gestualidades, os temas e tudo o mais que rodear e chamar sua atenção. Para os mais curiosos, há uma ajuda: nos apêndices trago as legendas de cada foto, seguindo sempre a ordem de cima para baixo, da esquerda para a direita, tal qual a leitura de um texto.

2.1 Parede de casa 1

Por volta dos meus 7 anos, morávamos em uma casa bem incomum. Meus pais fizeram dois pontos comerciais serem a nossa casa e atrás havia um quintal enorme, com dois coqueiros bem altos, um pé de torém imenso e várias outras plantas menores. Depois desse quintal, a cozinha ficava no fim da casa, com teto de telhas e a frequente visita de “soins”, iguanas, corujas e vários outros bichos que por lá passavam.

Também era nesse quintal que o meu pai, Anselmo Medeiros, esculpia suas obras e exibia as várias outras já prontas. Mas havia uma parede muito sem graça na casa e ficava logo ao lado do portãozinho que dava acesso ao quintal. Por isso, meus pais tiveram a ideia de comprar várias tintas, de várias cores, e chamar eu e minha duas irmãs, juntamente com os dois filhos dos vizinhos, para pintarmos essa parede.

Meus pais nos mostraram as várias tintas e disseram que nós cinco poderíamos pintar o que tivéssemos vontade, éramos livres para criar e preencher toda aquela parede. Eu lembro da minha felicidade nesse dia... Tudo o que uma criança precisa para se divertir é uma tela em branco enorme e a liberdade para pintar à vontade.

Dividimos a parede por áreas e cada um iria pintar do seu jeito. O resultado foi uma parede repleta de pequenos desenhos, com cinco estilos misturados, cheios de cores, personalidades, variedade e todos convivendo como uma grande comunidade, cada um no seu espaço. Tenho uma foto minha encostada nessa parede e como o foco era a minha pose, na tentativa de ser modelo, calhou da foto só ter metade da parede registrada, fazendo-me imaginar o que teria sido pintado ali...

Talvez minha irmã mais velha tenha feito algum desenho de mulher com alguma roupa fashion, ela sempre fez esses desenhos desde adolescente e acabou se tornando designer de moda por causa desse gosto em desenhar roupas. Eu certamente fiz corações, alguma árvore com o Sol e talvez um riacho, pois minha mente para desenho geralmente tende a desenhar o comum, ainda mais com a pouca idade que tinha na época. Confesso que não consigo imaginar o que a vizinha da época pintou, talvez por não conversar com ela e nem conhecê-la muito.

O fato é que todas as visitas que recebíamos em casa, nós mostrávamos a parede. Particularmente, acho muito legal essa atitude dos meus pais e pretendo fazer algo similar no futuro, caso eu tenha filhos também. Geralmente percebo essas atividades mais lúdicas e divertidas partirem de pedagogos, psicólogos infantis e parentes de artistas. Eu realmente me sinto muito agraciada por fazer parte de uma família inteira de artistas. Se um já seria um orgulho imenso, imagine com mais de 10 artistas!

Você já parou para pensar que cada família no mundo, talvez tenha um artista incrível que nunca teve estímulo e incentivo para manifestar sua criatividade? E que, por causa disso, acaba não deixando esse olhar artístico se expandir para outras pessoas? Muito triste, não é mesmo? Um país lindo como o nosso, um povo tão trabalhador, tão cheio de esperança merecia ter arte por todos e em todos os lugares. Assim como saúde e educação, a arte é um direito nosso e deveria ter livre acesso para todos, não ser considerado apenas brincadeira de criança como; infelizmente, muitas vezes é visto.

2.2 Parede de casa 2

Minha irmã do meio, Carolina Leal de Medeiros, é arquiteta e artista visual, ela pinta paredes artísticas no Concha Arte. No final de fevereiro de 2022 me mudei para o primeiro apartamento próprio, para morar sozinha.

Como presente de aniversário e de apartamento novo, a Carolina topou pintar uma parede no meu quarto, para ser minha cabeceira da cama. Eu preferi fazer algo bem simples, básico, por ser meu lugar de descanso e optei por pintar somente de uma cor, sem nenhum desenho, sem nada. Isso não faz parte do estilo dela e muito menos com o que ela trabalha, mesmo assim ela abriu essa exceção para mim e veio pintar a parede.

Ao contar aqui da nossa pintura de parede na infância, percebi a relação imediata com o que vivemos atualmente, na parede do meu apartamento. Eu a ajudei colocando as fitas na parede (para delimitar o espaço da pintura), fiquei conferindo se as linhas estavam retas, passando os materiais que ela pedia e achei algo engraçado: no prédio todo estavam tendo algumas construções, cheias de trabalhadores.

Porém só a Carolina ligou uma caixa de som bem alta e ficou trabalhando, ouvindo música e cantando. Suspeito que seja influência do nosso pai, considerar-se movida por música. Estão vendo como as experiências de infância podem influenciar diretamente na vida adulta? Pois é...

2.3 Argila

Falando em brincadeira recomendo que, em algum dia de sua vida, você possa enfiar suas duas mãos inteiras em uma grande “montanha” de argila bem molhada. É uma sensação que temos quando bebês, de esmagar a comida com as mãos e vamos perdendo ao longo dos anos. O primo distante e “fancy” da argila chama-se slime ou amoeba que, apesar de ser mais difícil de grudar em algo, não tem a mesma sensação de pegar na argila molhada.

É tão relaxante que chega a ser terapêutico, mesmo que a obra-prima final não seja tão bonita, vale a pena! Indico fazer panelinhas de argila, são maiores as chances de ficarem bonitas e você vai querer repetir o momento.

Eu brincava de argila embaixo da escada na casa da minha avó, no bairro Vila União. Lá ficava perto da pia para molhar a argila e por ser a lavadeira, podíamos sujar à vontade sem ouvir “carão” da minha avó materna ou da minha mãe.

Sou filha de uma engenheira de alimentos e de um artista que também é designer de interiores e, para além da ambiguidade do meu mapa astral, tenho essas duas referências opostas em casa: razão para um lado, emoção para o outro e no meio disso estou eu, que talvez tenha sido moldada como uma argila (essa foi minha tentativa de ser poética e artística para falar sobre a criação dos filhos).

2.4 Casa do Balbino

Meu tio mais velho, Aderson Medeiros, possui uma casa em Caponga, na Praia do Balbino. A casa é enorme e o terreno ao redor maior ainda, tem até um pequeno morro que lá do topo temos uma bonita visão do litoral da praia, em meio a vários cajueiros e coqueiros até avistar o mar de longe. A casa é toda branca com madeira escura, lindíssima!

Na entrada, avistamos uma cerca de madeira e arames farpados. Uma grande entrada coberta de areia branca, num terreno cercado de árvores para todos os lados, até chegar nos degraus de madeira que nos levam à entrada oficial da casa. Na frente existe uma porta pequena, que dá diretamente numa escada.

Quando estamos lá em cima, podemos contemplar a vista panorâmica da sala branca, repleta de quadros pintados por ele em todos os lugares. Móveis de madeira, sofá de alvenaria, um enorme tapete branco, várias fotos espalhadas, livros e documentos. Dá para ficar 10 minutos tranquilamente olhando toda a sala quadrada e tudo o que ela possui.

No fundo se vê a cozinha, na lateral o banheiro e os quartos e quase em sequência à primeira escada surge outra, que nos leva a varanda super ventilada da casa, com vista em direção ao mar.

Estando na varanda, do lado direito há um cajueiro enorme que se tornou um dos vários ícones da minha infância. Nessa árvore, meu tio nos contava a história que havia duendes morando por lá, mas que eles tinham medo da gente e por serem pequenos, só apareciam à noite, para proteger a árvore. Meu tio contava essa história de uma maneira tão linda, que eu ficava encantada!

Minha alegria ao ir para o Balbino na infância era visitar aquela casa linda e tentar flagrar algum duende descuidado, que estivesse passando pela árvore. Lamento dizer que nunca consegui realizar esse flagra e aproveito para fazer o desabafo que, mesmo com 26 anos, continuo a acreditar que existem duendes. Eles assim como as fadas são lindos e especiais demais para não existirem, para não protegerem a natureza.

Meu tio, além de pintor, sempre foi um ótimo contador de histórias e desempenhava com magia e leveza seu papel de tio.

2.5 Estoril

Eu tenho uma memória muito forte de quando criança: avistar o Estoril de longe, vindo pela rua à noite. Eu e minha família estávamos indo a uma exposição do meu pai no Estoril. Eu estava de vestido rosa claro com branco, uma sandália preta, cabelo liso preso e uma franja (não me lembro de nada disso, sei por causa de uma foto que guardo desta noite) e para completar, estava de batom vermelho e fazendo pose na foto, eu devia estar “me achando” graças a esse feito.

Mesmo sendo criança, eu já sabia como me comportar naqueles ambientes: eu podia andar livremente pelo espaço fechado, podia andar na ordem que eu quisesse ou simplesmente sem ordem, as únicas regras expressas eram: não tocar em absolutamente nada e ficar prestando atenção onde meus pais estavam (para não os perder de vista). Eu fui orientada, não me lembro por quem, a ficar parada em frente a cada obra, analisar cada centímetro dela e perceber as minhas impressões, o que aquela obra me fazia pensar ou sentir.

Parece doidice ou conversa fiada, mas eu realmente gostava de analisar as obras do meu jeito. Sempre me disseram que eu era uma criança diferente, muito inteligente e “sabida”.

Hoje sendo adulta, afirmo que sou um E.T. de outro planeta e por isso sinto que não me encaixo totalmente aqui. Vim para cá por alguma razão e aceito bem meu destino, apenas não posso dizer que sou igual a todo mundo, já dizia Dona Márcia Maria.

Voltando para o Estoril, lembro-me de achar linda aquela casa tão grande, tão iluminada e tão diferente. Adorei aquele jardim que pra mim era a frente (mas na verdade era a parte de trás), tinha um espaço enorme para correr e tinham várias pessoas em pé, divididas em diferentes rodas conversando. Bebidas e comidas passando com os garçons e a minha vontade de brincar, correr e olhar para aquela casa tão bonita.

Confesso que hoje, quando eu me sento naquela mureta do Estoril, consigo lembrar novamente aquele sentimento de criança...Eu ainda acho aquela “casa” linda e sinto um amor enorme por aquele lugar, é uma imagem muito bonita, que somada às memórias de festas que também já fui na Rua dos Tabajaras, gera-me mais amor ainda. Já pulei pré-carnavais maravilhosos naquela rua, já comemorei um aniversário meu ali com meus amigos e foi um dos dias mais especiais da minha vida.

Ali também cheguei após trabalhar na produção de um palco infantil de 06 às 20h, tive coragem de ir para uma festa mesmo muito cansada e ali fiquei até 5h da manhã, onde meu cérebro desistiu de tanto cansaço e eu não conseguia ficar acordada.

Nesse dia por sorte estava acompanhada do meu amigo de infância que mora pertinho de mim, e já havíamos combinado de voltar juntos, então tive quem me olhasse e me conduzisse até em casa em segurança. Antes que pensem, nesse dia eu sequer bebi álcool e também não utilizo drogas ilícitas, foi o único dia de toda minha vida que meu cérebro apagava de exaustão, tudo ali na frente do Estoril, num nascer do sol lindo naquela rua caótica e cheia de bêbados comendo sanduíches, cada um mais acabado fisicamente que o outro, porém todo mundo (aparentemente) muito feliz. Que noite!

2.6 Oboé

Falando em caótico, tenho outra recordação em exposições. Antigamente existia o espaço Oboé na Aldeota, onde os artistas expunham suas obras. Dessa vez fomos prestigiar alguém (que não me lembro quem) e a imagem dos convidados atacando ferozmente os garçons, não sai da minha memória.

Eu fiquei rindo, desesperada, enquanto as pessoas me espremiavam tanto, que balançavam de um lado para o outro. Parece cena de ficção, mas esta aqui não é.

Quando fico nervosa eu começo a rir, então fiquei rindo bastante por estar no meio daquele caos, vendo pessoas perderem a pose, os modos e alguns fios de cabelo, enquanto tentavam pegar uma coxinha e uma empada, no máximo. Por ser criança/pré-adolescente eu tinha essa liberdade de participar dessas doidices, contava para meus pais depois e eles ficavam balançando a cabeça, como quem perde a fé na humanidade.

Ainda bem que nunca os vi no meio da confusão, minha mãe sempre soube a filha Magali que tem e já havia o acordo: ou comer antes de sair de casa, ou alguma promessa de jantar fora depois, ou os dois (exceto quando não havia dinheiro sobrando).

Era engraçado e me lembra diretamente do livro *A mesa voadora* de Luiz Fernando Veríssimo, autor de que gosto bastante, pois amo crônicas engraçadas e nesse livro ele reúne algumas exatamente sobre isso, comida e pessoas descontroladas. A primeira vez que li esse livro na biblioteca do colégio, lembrei-me do episódio da Oboé e os vários risos vieram de novo, é incrível como as histórias se assemelham e, de fato, são reais.

No “mesmo rumo” da história cômica da Oboé e da *Mesa voadora* de Veríssimo, a escritora Tércia Montenegro tem um livro chamado *Os espantos*, no qual ela reúne histórias que nos causam surpresa e que me arrancaram algumas risadas. Fico bobá como alguns escritores conseguem escrever as coisas de forma tão leve, tão dentro da nossa realidade, daquele vizinho maluco ou daquele “causo” que presenciamos aleatoriamente.

Confesso que me inspiro neles para escrever, pois apesar de não ser uma leitora frequente, quando um livro me encanta, eu só consigo parar de ler quando ele acabar.

2.7 Exposição sem saber o lugar

Outra vez, já um pouco mais velha, fui sozinha com meu pai para outra exposição após o colégio. Lá ele me ensinou a prestar atenção em qual direção o artista havia pintado o quadro, se eram pinceladas na vertical ou na horizontal, e disse que geralmente o movimento tem que ser o mesmo, não sendo tão legal misturar (aí a aquariana, aqui, pensou: e se eu quiser pintar misturando os dois? Ora mais!) e sinceramente não sei porque me lembrei disso, suspeito que foi a primeira vez que soube que até mesmo na arte, havia métodos e alguns “entendimentos comuns” do que faziam ou não.

Antes disso a arte para mim era livre, só jogar para fora tudo o que sentia e ver no que ia dar, mas para alguns essas regras básicas ajudam bastante, cada um com seu estilo.

2.8 XIII UNIFOR Plástica

Acabo de me lembrar de umas das cenas mais bonitas que guardo na memória. Por volta dos meus 6 anos, após sair da aula fomos para a reitoria da UNIFOR. Era a abertura de mais uma UNIFOR plástica em que o meu pai estava participando. Dessa vez meu tio Aderson também estava concorrendo na categoria pintura, enquanto meu pai concorria na categoria escultura.

Naquela época o evento tinha caráter competitivo, os artistas que se inscreviam (sem convite prévio) e havia premiações para 1º, 2º e 3º lugar. Dessa vez o 1º lugar era glorioso, a Unifor pagaria uma viagem ao vencedor para conhecer a Bienal de Veneza, na Itália.

Lembro-me de todos nós estarmos no salão embaixo da reitoria, novamente aquelas várias pessoas em pé, bebendo, comendo e conversando em suas rodas, esperando o evento começar e anunciar os vencedores. Eu não me lembro sequer se meu tio ganhou na categoria dele, creio que sim mas não tenho certeza.

O que me lembro nitidamente é da pessoa anunciar a categoria escultura. Meu pai não ficou em terceiro lugar, meu pai não foi chamado para o segundo lugar e todos nós da família extremamente nervosos, só havia mais uma única chance, e diante de tantos artistas bons, ficamos mais nervosos ainda. Quando anunciaram o primeiro lugar e falaram: Anselmo Tavares de Medeiros, eu mesma quase morri, incrédula do que estava acontecendo.

Meu pai havia ganhado uma Unifor Plástica e eu estava lá vendo, ouvindo, assistindo o momento dele ser chamado e ser levado para o palco totalmente atônito, sem acreditar no que estava acontecendo. A gente nunca havia viajado para nenhum lugar de avião (na verdade: eu, junto com minha família) e de repente meu pai ganhou uma viagem para a Itália, a tal Europa tão chique que sempre ouvi falar.

Não vou conseguir descrever para vocês a minha expressão facial, nem da minha mãe, nem das minhas irmãs e nem a do meu pai. Ele realmente não achava que era possível ganhar, eu ainda não sabia o excelente escultor que o meu pai sempre foi, e ter visto tanta gente concorrendo e justo ele ganhar, foi indescritível. Ficamos sem reação, sem ar, sem acreditar.

Foi um dos momentos mais felizes das nossas vidas, foi surreal. Nessa noite, também tenho minha primeira lembrança: de ver o meu pai cercado por vários fotógrafos e câmeras de televisão. Nem eu mesma conseguiria chegar perto dele se quisesse, eram tantas pessoas em volta dele, tanto alvoroço, que eu ainda estava absorvendo a informação de que ele havia ganhado.

A empresa que ele trabalhou durante a vida toda, sempre esteve envolvida em eventos de arte e cultura apoiando ou patrocinando. Ele contou ao chefe sua vitória e pediu uma ajuda de custo para a viagem, e a empresa deu. Achei fantástico esse incentivo que a empresa concedeu pois, apesar do cargo dele na empresa não ter absolutamente nada relacionado com arte, a empresa o reconheceu como artista e valorizou sua conquista tão importante. Esse apoio financeiro foi fundamental.

Como não tínhamos dinheiro sobrando, ele viajou sozinho e ficou de encontrar por lá a irmã dele, Arnilda Medeiros, que morava em Milão e eu nem a conhecia ainda. Na época ele se comunicava conosco por ligação, mas tinha que ser rápido pois custava muito caro.

Quando ele voltou, fomos buscá-lo no aeroporto, lembro-me dele aparecendo com um casaco azul novo e enorme, um corpo gelado e um cheiro de avião (que eu particularmente adoro). Como era criança, minha preocupação era o que ele tinha trazido para mim de presente, e não contar da viagem em si.

Ele trouxe um saco enorme de chocolates diversos, que eu nunca havia visto antes (anos depois o Snickers chegou no Brasil e eu o reconheci daquele saco). Também trouxe uma bolsa lateral jeans, que tinha o desenho do ursinho Pooh na frente, bordado de lantejoulas brilhantes, lindo e chamativo como toda criança sonha. Eu tinha um amor gigante por essa bolsa, tanto que me lembro dela com detalhes, em contrapartida a sequer me lembrar o que almocei há dois dias atrás.

2.9 Escolinha de arte

Durante um tempo, eu não tinha com quem ficar durante a tarde, após o colégio. Minha mãe ficou sabendo que minha prima Érica Medeiros estava dando aulas de arte em casa e me matriculou na escolinha de arte, na casa do tio Aderson Medeiros.

A casa ficava em uma rua sem saída em plena Aldeota, uma rua linda que eu amava de paixão, pois tinha um silêncio e uma calma que destoava totalmente do restante da cidade. O portão era de madeira, passávamos pela garagem aberta do carro e havia um muro do lado esquerdo de tijolos, pintado por eles.

Eles aproveitaram um buraco que já era habitado por uma abelha e pintaram uma casinha no muro, onde o buraco era a porta da casinha. Quando descobri isso, fiquei encantada... Toda vez que chegava por lá, olhava para a casinha da abelha e achava lindo.

Nessa escolinha de artes, minha prima me dava quadros para eu pintar, argila para brincar, havia brinquedos interativos de madeira e crochê, uma verdadeira obra de arte que não encontro mais atualmente. Ela sempre foi muito animada, falante e simpática, eu adorava minhas aulas e um dia teve até uma piscina de plástico montada na lateral direita da casa para nós tomarmos banho, foi felicidade pura, afinal eu quase nunca tinha acesso a uma piscina, mesmo que de plástico.

Essa casa dos meus tios era repleta de vários pincéis sujos de tinta, de todos os tipos e tamanhos que você pudesse imaginar, divididos dentro de latas de alumínio com vários quadros pendurados nas paredes e telas brancas de todos os tamanhos encostadas no chão, esperando para serem usadas.

Aquela casa para mim era sinônimo de beleza, paz, abelha e arte. Ainda bem que na época eu não sabia das várias histórias de fantasma que havia por lá, assim não tive minha linda memória de infância prejudicada.

2.10 O encontro

Sinto-me nervosa, nem acredito que irei entrar naquela exposição em pleno MAUC. É mesmo real, conseguimos fazer acontecer uma exposição inteira da família Medeiros, cada um com sua arte. Uma galeria de obras do Aderson com ex-votos de madeira e pinturas (geralmente com o fundo azul); outra galeria para o Alceu e vários dos seus desenhos, de monstros a belas indígenas, feitos com caneta nanquim; a galeria do Anselmo com suas esculturas em madeira, pedra sabão e mármore; a galeria do Almiro com esculturas em madeira, como carrinhos, feitos cuidadosamente com muito zelo; a galeria da Arnilda com suas peças em crochê; além de uma parede grande pintada com uma obra da Carolina; uma sala toda escura exibindo meu documentário, com tapete e várias almofadas para sentar ou deitar enquanto assiste; um espaço com vários artesanatos da Anna Medeiros; e por fim uma parede de desenhos da Amanda, seguidos por desenhos da sua filha Sofia.

Para além de reunir todas as obras, em um lugar tão simbólico para a história da Arte em Fortaleza, conseguimos o feito de reunir toda a família aqui. Nós nunca havíamos conseguido reunir todo mundo, afinal são muitas pessoas, morando em muitas cidades diferentes. Que incrível é mostrar a potência dessa família e proporcionar um ambiente de reencontro entre antigos amigos, lembrar os velhos tempos e ao mesmo tempo, servir como primeira (ou uma das primeiras) impressão para os visitantes, que iniciam suas trajetórias pelos museus de arte.

O clima é de um evento familiar mesmo, com amigos convidados, curiosos, admiradores e até mesmo pessoas perdidas, quem sabe. Não há aquele ar soberbo, de ambiente chique onde todos ficam com certo constrangimento por estar ali. Era um monte de gente rindo, falando alto, alguns coquetéis e petiscos passando, várias fotos sendo tiradas e eu me percebi ali parada, no meio daquilo tudo, olhando cada canto da exposição.

Cada pessoa que passava, como reagia ao olhar para as obras, tentando sem sucesso fazer alguma leitura labial, sentindo-me extremamente emocionada e grata por estar vivendo aquele momento único em nossas vidas. Eu sempre fui muito mais de observar, do que falar.

Apesar da euforia me fazer rir o tempo todo e falar em um dia, todas as palavras que eualaria em uma semana, no momento em que parei sozinha e olhei ao redor, senti uma paz, um mundo em câmera lenta comigo ali sendo espectadora.

Infelizmente, essa é uma exposição que só existe na minha imaginação. Não vejo como possível conseguir realizar tal exposição, sem que haja um trabalho absurdo para fazê-la acontecer, além de uma longa lista de custos. Sabemos que um evento deste tamanho, com

tantos artistas expondo, envolve diversos gastos, burocracias, muito trabalho físico e mental para que seja pensado, organizado e produzido.

De toda forma, conseguir imaginá-la e torná-la real, mesmo que apenas nesse texto, gera-me um certo conforto, pois não tenho dúvidas da força, da beleza e da importância que essa exposição teria para a história da Arte de Fortaleza e do Estado do Ceará.

2.11 Um sonho e umas reflexões

Um dia tive um sonho...Meu avô paterno, que nunca conheci pessoalmente, Jeremias Salles, vinha me conhecer. Era estranho não reconhecer um rosto, não ter ideia da voz e do jeito da pessoa, só ter como referência algumas poucas fotografias e o que as pessoas me contavam sobre ele. Meu avô era rico e herdeiro, mas foi gastando tudo até não sobrar mais nada (isso talvez explique porque sempre me senti metade rica, sem nunca ter sido).

No sonho o Jeremias não falou nada, ficou só me olhando e sorrindo. Achei engraçado como ele era tão tranquilo, sereno e fiquei me lembrando de que minha avó paterna, Eurídice, era o extremo oposto. Ela falava muito, alto e muito rápido (às vezes eu nem conseguia entender o que ela havia dito), fico me perguntando; como duas pessoas tão diferentes socialmente e no jeito de ser se casaram? Enfim, fiquei pensando na chatice que deve ter sido para meu avô ter morrido antes de conhecer os netos mais novos (Amanda, Rodrigo, Carolina, Daniel, Camile e Marina) pois ele conheceu somente a Érika, Jéssica e Vanessa.

Será que foi por causa do meu avô ter estudado na escola mais chique de Fortaleza desde que nasceu, ter tido educação da alta burguesia, saber tocar piano e desenhar, que supostamente ele influenciou todos os filhos a serem músicos, artistas? Naquele tempo a arte era vivenciada somente por quem tinha dinheiro, ou isso nada tem a ver com a influência dele para com os filhos? Ser artista é um sorteio aleatório no DNA de cada pessoa, ou existe realmente a influência, o contágio da família toda fazendo a mesma coisa nesse caso específico?

Como um sonho onde não se conversa, gera tantas reflexões e perguntas? E por que desse sonho? Seu Jeremias veio só me ver e “dar uma passada” ou veio me dar algum recado? Esse episódio me lembra de uma música da banda Nação Zumbi: “Ontem eu tive um sonho, nele encontrava com você...Não sei se sonhava o meu sonho ou se o sonho que sonhava era seu. Um sonho dentro de um sonho, eu ainda nem sei se acordei desse sonho, quero imagem e som para saber o que foi que aconteceu...”

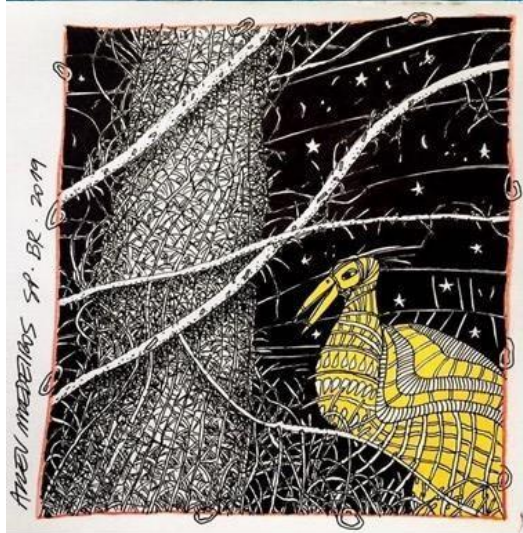
Queria ter tido pelo menos uma conversa, só para conhecê-lo... Se houvesse uma filmagem também ajudaria bastante, mas naquele tempo ainda não existia acesso de filmadoras nem mesmo para ele.

E isso me retoma novamente a importância de eu mesma entrevistar e filmar a minha família. Vai que por uma infeliz coincidência a história se repete e algum filho meu não tem tempo de conhecer o meu pai? Pelo menos, terei essa entrevista e vários outros vídeos do meu pai, para mostrar ao meu filho. Ele conseguirá escutar a voz do meu pai, ver o jeito que ele fala, que anda, que mexe nas esculturas. Para mim, é esse o maior poder de todos que a filmagem

tem: eternizar pessoas e momentos, muito mais profundamente do que uma fotografia ou a simples memória da nossa mente.

Esse último parágrafo irei usar como um recado ao meu possível futuro: filho(a), se você realmente vir a existir, assim como o documentário que pretendo fazer sobre a **nossa** família, saiba que dentre tantos motivos, um deles é que você tenha acesso a esses registros para conhecer a nossa família e ver quantas pessoas maravilhosas, com talentos incríveis, nós temos antes de você chegar por aqui. Esse documentário será também para você e eu espero, do fundo do meu coração, que vocês dois venham a existir.

2.12 As obras



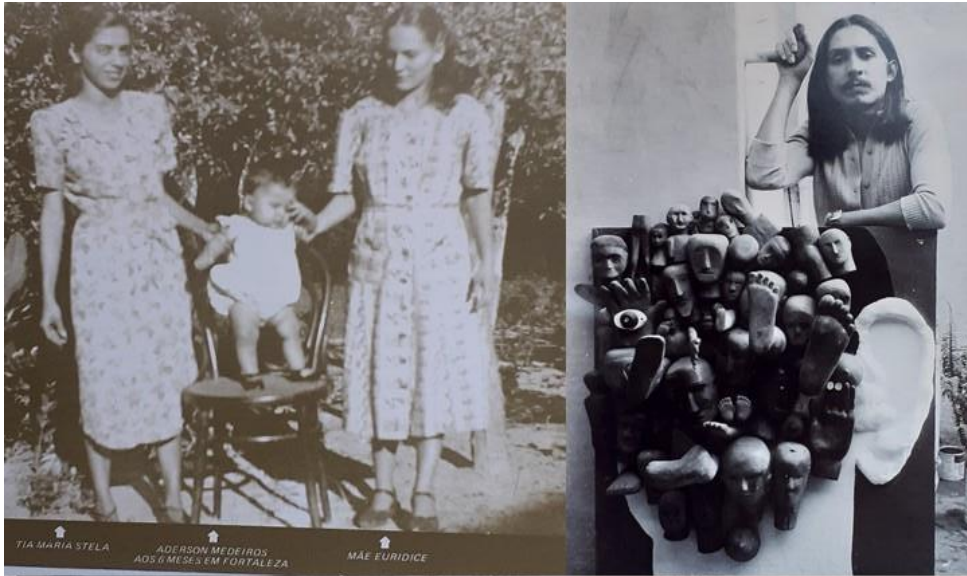
2.13 Anselmo



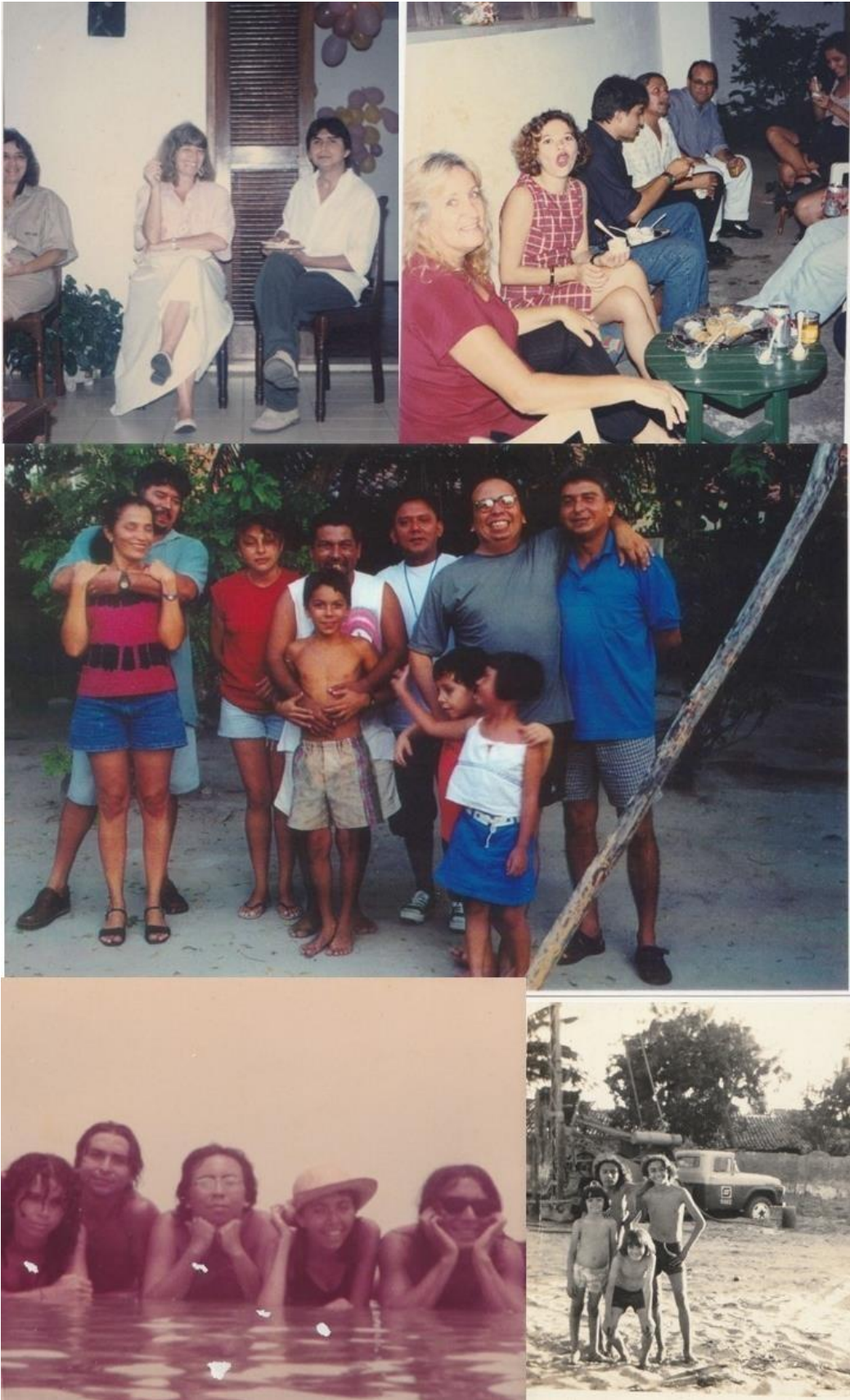
2.14 A fé e algumas obras



2.15 Aderson Medeiros



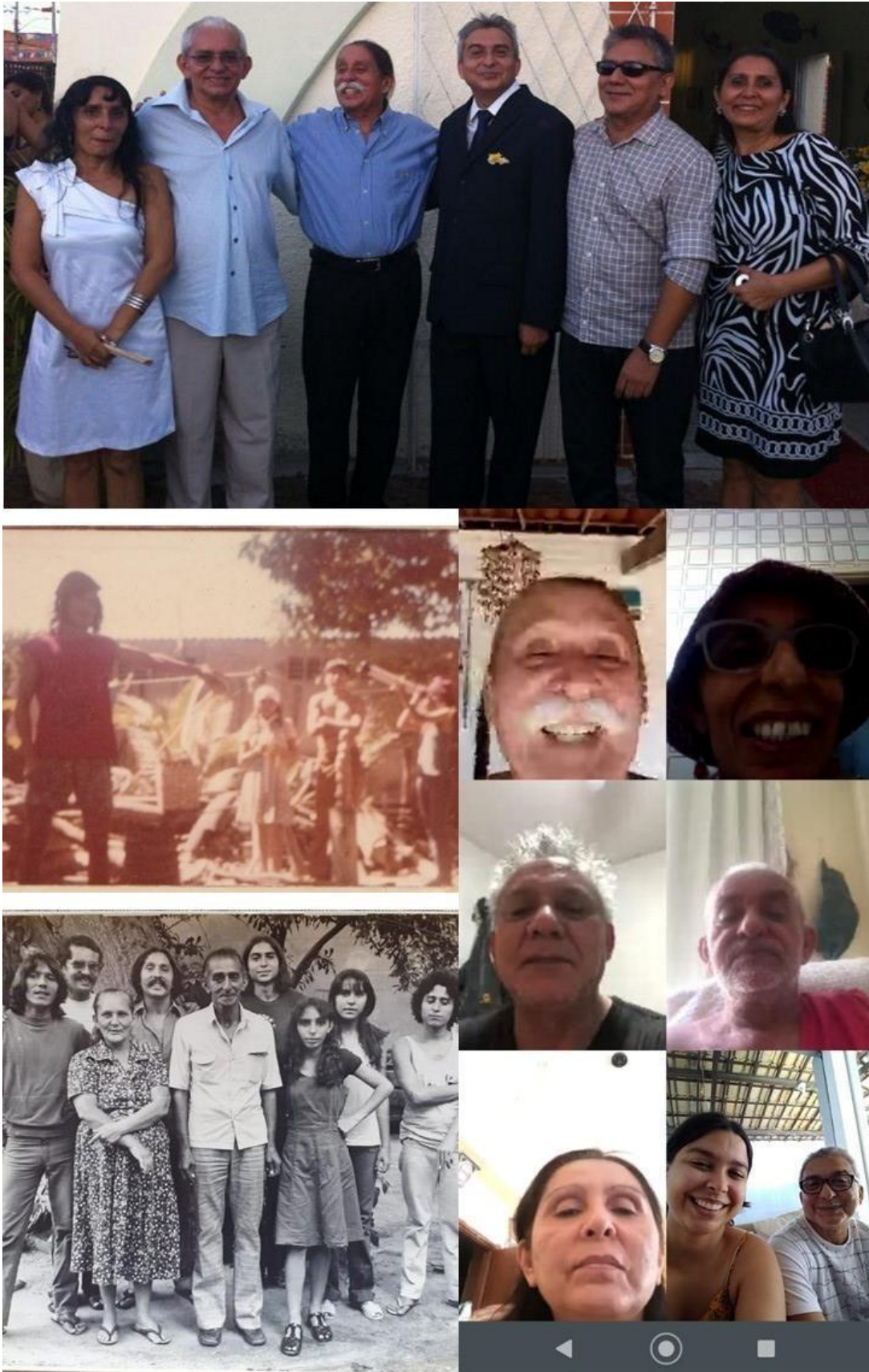
2.16 Amigos



2.17 Amizades, esculturas e família



2.18 Os irmãos



2.19 Passados e Presentes



2.20 Os tios e as sobrinhas



2.21 Los Medeiros



2.22 Filhas e neta



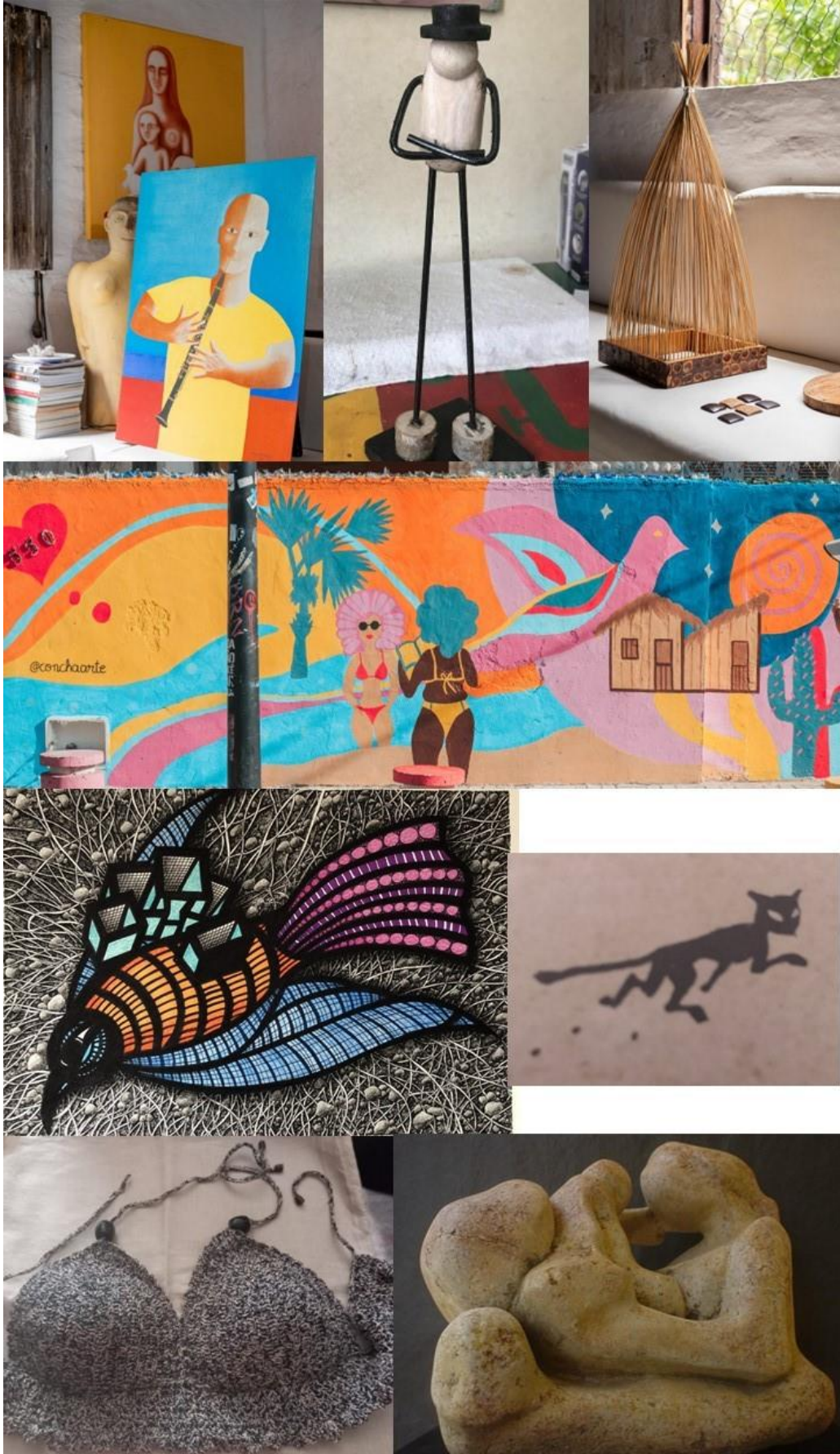
2.23 Minha mãe, Márcia



2.24 Formaturas



2.25 As obras II



2.26 Alguns modos de pensar em artes

A escolha estética e metodológica de mostrar uma sequência de textos que nomeio de re-memórias e em seguida todas as imagens da família juntas e sem muitas explicações individuais, é inspirada no *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg. Para criar as pranchas de fotos, coletei diversas fotos, espalhei-as sobre uma mesa e fui de forma natural (no feeling do momento), tentando identificar coincidências e conexões entre as imagens, uma possível narrativa visual que as interligassem, como uma alternativa para renovar possibilidades de olhar para essas fotos, criar novas maneiras de serem vistas e produzir novos sentidos ao criar essa reconfiguração de cenários, gestualidades, núcleos familiares entre outros.

Georges Didi-Huberman se detendo sobre o Atlas Warburgiano, descreve-o da seguinte forma:

é um objeto pensado como uma aposta. É a aposta que as imagens, unidas de um certo modo, nos ofereceriam a possibilidade - ou melhor, o *recurso* inesgotável - de uma releitura do mundo. Releer o mundo: ligar diferentemente os fragmentos desiguais, redistribuir a disseminação, meio de orientá-lo e de interpretá-lo, certamente, mas também de respeitá-lo, de remontá-lo sem acreditar resumi-lo nem esgotá-lo. (2018, pág. 27)

Didi-Huberman (2018, pág 26) também nos explica a finalidade do Atlas: “fazer surgir, através do encontro de três imagens dessemelhantes, certas ‘relações íntimas e secretas’, certas ‘correspondências’, capazes de oferecer um conhecimento transversal dessa inesgotável complexidade histórica”, que foi exatamente o que eu busquei fazer nesse exercício visual da pesquisa de coletar as fotos, ao reorganizá-las em pranchas e procurar sentidos em comum nesse material.

Acredito que essa metodologia escolhida para lidar com as imagens, é um recurso muito vasto tanto para conhecer, quanto para contar a história da minha família. Além de ser uma forma de lembrar coisas vividas por mim, foi também um jeito de descobrir outros acontecimentos (a partir da recuperação dessas imagens nos álbuns da família). Esse exercício de buscar, observar e ordenar as fotos me revelou opções inconscientes da minha própria organização e sintetização dessas imagens na minha mente. Ao me debruçar sobre essas pranchas de fotos, também fui me reconectando com a pesquisa como um todo e descobrindo novos sentidos para continuar, novos caminhos e conexões possíveis novas abordagens mais orgânicas e sensoriais.

Na primeira prancha de fotos e na última, *As obras e As obras II*, temos algumas criações da família: as duas primeiras fotos da primeira prancha foram tratadas nas histórias

“PAREDE DE CASA 1” e “PAREDE DE CASA 2”. Na segunda prancha de fotos, *Anselmo*, temos a coincidência entre duas fotos iguais e o tempo entre elas, além do artista pequeno esculpindo ao lado do artista jovem as exibindo. Na terceira prancha, *A fé e algumas obras*, mais coincidências: os destinos nos levaram a Canindé e Caridade, sempre com relações de esculturas.

Na quarta prancha, *Aderson Medeiros* bebe até seu grande amor: Anna, que virou mais outros grandes amores: Érika, Jéssica, Vanessa e os netos Giovanna e Rodrigo. Na quinta prancha, *Amigos* antigos, amigos de sempre. Na sexta prancha, *Amizades, esculturas e família*, temos as relações entre esses três elementos.

Na sétima prancha, *Os irmãos*, há um casamento, o momento que souberam desta pesquisa e todos juntos com o pai Jeremias e a Mãe Eurídice. Na oitava prancha, *Passados e presentes*, a juventude continua, inclusive a do meu avô Jeremias em trajes especiais. Também existem duas fotos no mesmo local, descrito no texto: “CASA DO BALBINO” que possui relação com o texto “ESCOLINHA DE ARTE”. E por fim, mais uma amiga ilustre: Rachel de Queiroz. A nona prancha de fotos, *Os tios e as sobrinhas* no passado e no presente.

A décima prancha *Los Medeiros*, mostra o dia em que nos “batizamos” desta forma, em um encontro inédito na casa da minha avó Eurídice. Além dos cenários em São Paulo, Barro Preto e a profunda ligação da avó Eurídice com a neta Carolina.

Na décima primeira prancha, *As crianças do Anselmo*, temos as filhas: Amanda, Carolina e Camile (eu) e a neta Sofia. A décima segunda prancha, *Minha mãe Márcia*, traz em sua numeração outra coincidência: o dia em que minha mãe nasceu. E na décima terceira prancha, as *Formaturas* de Márcia, Anselmo, Camile e Carolina.

E por fim, em *As obras II* temos mais uma obra de Aderson, uma luminária feita com palha de coco por Anna Medeiros; um mural da artista visual Carolina Medeiros que fica localizado na Rua dos Tabajaras (Praia de Iracema); assim como mais obras de Alceu, Almiro e Anselmo Medeiros; um crochê feito por Arnilda Medeiros, finalizando com um desenho feito por Jeremias Sales (pai dos irmãos Medeiros e meu avô paterno).

Virgínia Kastrup possui um conceito de atenção na experiência estética, que está relacionada à invenção sobre si e sobre o mundo, e diz que esse conceito é um tema central da arte contemporânea. Para a autora (2009, pág 39): “A atenção tateia, explora cuidadosamente o que lhe afeta sem produzir compreensão ou ação imediata. Tais explorações mobilizam a memória e a imaginação, o passado e o futuro numa mistura difícil de discernir”.

Busquei me inspirar neste conceito de atenção, para relacionar toda a minha coleta de materiais a serem utilizados na pesquisa. Por já haver diversos materiais coletados ao longo

do tempo pelos meus familiares, também fui em busca de criar e recriar novas materialidades, a partir da minha atenção e de como a experiência de forma geral ressoa em mim.

Segundo Kastrup (2009, pág 38): “A atenção não busca algo definido, mas torna-se aberta ao encontro. Trata-se de um gesto de deixar vir (letting go). Tanto a atenção a si quanto o gesto atencional de abertura e acolhimento”, que foi uma das formas em que fizeram sentido para me nortear nessa espécie de curadoria de material a ser estudado.

Sobre essas coletas, Kastrup diz (2009, págs 33 e 36): “A detecção e a apreensão de material, em princípio desconexo e fragmentado, de cenas e discursos, requerem uma concentração sem focalização.” A autora nos apresenta alguns tipos do seu conceito de atenção, enquanto processo complexo: “seletivo ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, voluntário ou involuntário” (2009, pág. 33) e explica que “atenção aberta, sem focalização específica, permite a captação não apenas dos elementos que formam um texto coerente e à disposição da consciência do analista, mas também do material desconexo e em desordem caótica”. (2009, pág 36)

A princípio, realizei a coleta sem muita focalização e com aparente desordem, depois de uma quantidade significativa de material dei início ao processo de seleção e organização para serem mostrados. Algo que achei curioso foi eu primeiro ter escrito o texto *EXPOSIÇÃO SEM SABER O LUGAR* e somente um tempo depois, deparei-me com o conceito de atenção da Virgínia Kastrup.

Para mim, ficou evidente uma semelhança entre a forma como observo as coisas e também como escrevo essas minhas observações e impressões. Como me refiro no texto *EXPOSIÇÃO SEM SABER O LUGAR*, de certa forma fui orientada a ter certo tipo de atenção, mas a forma como desenvolvo e lido com isso, é um processo absolutamente pessoal e, no meu caso, também indissociável, pois já se tornou algo natural dentro do meu padrão de ver, associar e processar informações.

Além do conceito de atenção, também elaboro na minha pesquisa textos e inspirações, que se utilizam da noção de autoficção. Os textos autoficcionalis, de forma resumida, são uma escrita autoral, onde quem escreve tem a liberdade de misturar fatos reais com acontecimentos irrealis (por isso a palavra ficção), ou simplesmente criar todos os acontecimentos, sem qualquer compromisso com a realidade.

Para o autor Philippe Vilain, a fidelidade não estaria na retranscrição do vivido, mas na transposição do que foi sentido: “escrevo em primeira pessoa uma história a partir de um fato real, verificável (...) uma história transposta, a qual dou um prolongamento romanesco possível, um alargamento poético”. (2014, pág. 15)

Em contrapartida à minha própria interpretação sobre o tema, a autora Noronha cita um pensamento do autor conhecido como inventor da autoficção, Serge Doubrovsky:

o ficcional não é compreendido como fictício, como pura invenção, mas como mobilização de estratégias narrativas tomadas de empréstimo ao romance moderno e contemporâneo: “a autoficção, para mim, não mente, não disfarça, mas enuncia e denuncia na forma que escolheu para si: ‘Ficção de acontecimentos e fatos estritamente reais. (2014, pág 13)

Dialogando com esses dois autores, Evando Nascimento descreve “autoficção enquanto reinvenção de sua própria vida e não enquanto mero registro documental. Ou antes, a reinvenção de si como outro, utilizando-se explicitamente de fatos passados e presentes de sua própria existência”. (2017, pág 621)

Trazendo esses recursos existentes na autoficção, algumas partes do material que compõe esta qualificação são reais e outras ficcionais, recorrendo aos textos de memórias, às pranchas de fotos e esses conceitos bibliográficos como ferramentas para conhecer e sentir a história da família, além de suas relações com a cidade de Fortaleza.

No texto *XIII UNIFORME PLÁSTICA*, narro o momento em que meu pai ganha um prêmio com uma de suas poucas esculturas que não possui seres humanos. Na grande maioria das obras, eles são esculpidos sem vestimentas e sem qualquer outra caracterização que venha a referenciar algum tempo cronológico.

Essa não associação a tempos cronológicos me faz lembrar do conceito apresentado pelo filósofo Giorgio Agamben sobre *O que é contemporâneo*, no qual ele traz essa mistura de passado, presente e futuro como um dos pontos chave para a sua definição:

a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (2009, pág. 59).

As pessoas existem e residem em qualquer tempo, assim como os animais e justamente por isso, reflito e me questiono sobre a dimensão contemporânea que existe na produção artística do meu pai...

Para reforçar meu pensamento, trago outro ponto levantado por Agamben:

é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o fecho de trevas que provém do seu tempo. (2009, pág. 64).

Nessa citação, o autor afirma que existe um “escuro” em cada tempo, algo que: segundo ele, é uma “fratura da sociedade” que acaba refletindo nas obras contemporâneas. Particularmente não vejo nas obras do Anselmo um esforço por tematizar - de forma explícita, esse escuro abordado por Agamben, que possa ser visto a plenos olhos.

Contudo, nas inúmeras vezes em que é questionado através de conversas ou entrevistas, Anselmo sempre menciona os desafios e dificuldades que existem ao ser um artista e sobretudo, na cidade de Fortaleza (o autor sente propriedade de fala, através de várias experiências pessoais que teve ao longo da vida na cidade).

Com isso trago meu segundo questionamento, na reflexão se Anselmo é um artista contemporâneo: Podemos considerar um descontentamento com a sociedade somente quando está explícito na obra? Ou a fala do artista possui igual importância nesse posicionamento, que não deixa de ser político também? Pois sabemos que existe um poder imenso nas palavras e nas ações, mesmo que não estejam ali na visão primária, em plena evidência na manifestação artística.

Para concluir essa reflexão, arrisco dizer que todos nós, mesmo que de forma inconsciente, somos contemporâneos. Nosso passado sempre acaba interferindo em nosso presente, e ambos estarão em nosso futuro, pois não conseguimos separar os tempos para que apareçam de forma isolada, nem na vida pessoal, nem na vida profissional. A bagagem de vida, de experiências vai sempre aumentando, sendo somada. Nunca subtraída, pois tudo veio de algum lugar e irá para algum outro lugar.

Falando em obras de arte, estas aparecem de formas distintas e em praticamente todos os textos e em metade das fotos constantes nas pranchas na seção *Re-Memórias*. Além das artes plásticas, temos outros tipos de obras de arte: as audiovisuais e, entre elas, encontram-se os documentários.

Até aqui todos os autores e conceitos apresentados, participam direta ou indiretamente do primeiro momento da pesquisa, onde me inspirei nessas referências para as minhas criações de textos, montagens das pranchas de fotos, reflexões e criação do roteiro poético.

Acontece que esse roteiro, como já mencionei anteriormente, será utilizado para nortear um documentário que será produzido futuramente. Essa seria a segunda parte da pesquisa, que também já está em desenvolvimento, tendo algumas entrevistas já gravadas.

3 A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO LOS MEDEIROS

3.1 Caminhos que levam ao roteiro

O diretor de cinema Jean-Louis Comolli escreveu um texto intitulado: *Sob o Risco do Real*, que nos traz a seguinte visão sobre documentário:

À sua maneira modesta, o cinema documentário, ao ceder espaço ao real, que o provoca e o habita, só pode se construir em fricção com o mundo, isto é, ele precisa reconhecer o inevitável dos constrangimentos e das ordens, levar em consideração (ainda que para os combater) os poderes e as mentiras, aceitar, enfim, ser parte interessada nas regras do jogo social. Servidão, privilégios. Um cinema engajado, diria eu, engajado no mundo. (2001, pág 101).

Comolli, na primeira parte do texto, traz um questionamento que confronta esse cenário de pouco fomento para a arte (por parte das instituições públicas ou privadas):

Como fazer para que haja filme? A prática do cinema documentário não depende, em última análise, nem dos circuitos de financiamento, nem das possibilidades de difusão, mas simplesmente do bem querer – da boa graça – de quem ou o quê escolhemos para filmar: indivíduos, instituições, grupos. O desejo está no posto de comando. As condições da experiência fazem parte da experiência. (2001, pág 99).

Na escrita do roteiro, considero a ideia de “risco do real” quando dou destaque às falas dos artistas da minha família sobre as dificuldades que eles, enquanto cearenses, encontram para realizar e divulgar seus trabalhos na cidade de Fortaleza. Todos os artistas já entrevistados, falaram sobre isso e possuem algumas experiências negativas e opiniões sobre o que poderia ser feito para reduzir esse cenário fragilizado que a cidade apresenta.

O cineasta Eduardo Coutinho coloca em primeiro plano as experiências reais dos seus entrevistados. Tanto na obra *Edifício Master* (2002) e em *Jogo de Cena*, Eduardo mostra como fazer um cinema documental humanizado, sendo próximo dos entrevistados, fazendo-se presente com sua voz, fazendo perguntas ou de fundo quando está narrando os cenários. Como Frochtengarten (2009) destaca, os filmes de Coutinho são revolucionários para o gênero documentário porque "ajudaram a derrubar o mito da neutralidade dos documentários e desfizeram a separação entre o diretor e os personagens".

Sobre essa característica de Eduardo Coutinho, a autora Cláudia Cardoso Mesquita cita em seu artigo *"Entre agora e outrora: a escrita da história no cinema de Eduardo Coutinho"* que,

A cinematografia contemporânea de Eduardo Coutinho é marcada pela entrevista como forma dramática praticamente exclusiva (XAVIER, 2010, p. 66) e pelo registro dos “momentos únicos”, como disse certa vez o

cineasta, produzidos no encontro entre ele e os sujeitos filmados. Muito próximo da tradição do cinema verdade, e precisamente chamado por Consuelo Lins (2002) de “arte do presente”, este cinema abriga, entretanto, uma dimensão diacrônica e um movimento mais raro, mas de notável densidade: aquele caracterizado pela “preocupação em reconstruir o elo entre o passado e o presente de indivíduos ou comunidades”, como escreveu Mateus Araújo Silva (2013a, p. 433). Em outras palavras, um projeto peculiar de *escrita da história*. (MESQUITA,2016)

Eduardo também mostra a movimentação dos bastidores, a organização, a locomoção, os ajustes até as cenas estarem prontas e, quando estão, Eduardo escolhe precisamente certos momentos de silêncio propositais e longos, que nos fazem prestar ainda mais atenção às imagens e ao hiato daquilo que não está sendo dito mas pode ser sentido. Isso também me faz refletir sobre a ideia de risco do real trazida por Comolli.

É a vida cotidiana limpa e seca diante da cena central, o que é teoricamente simples no cinema de Eduardo Coutinho, foi o que me inspirou e continua inspirando. “Sobretudo porque seus filmes não falam de fora, mas de dentro da relação do cineasta com os personagens que retrata”, (FROCHTENGARTEN, 2009) como Mesquita ressalta ao comentar que o cinema de Coutinho desfaz a relação de conhecimento entre sujeito e objeto, bastante comum no cinema documentário anterior ao dele.

Interesso-me pela elaboração das perguntas aos entrevistados, assim como a liberdade de poder interferir nas entrevistas (quando julguei necessário), por poder desenvolver o exercício contínuo de buscar ter sempre um olhar acolhedor ao ver e ouvir as pessoas falando sobre suas memórias, momentos e lidando com diversas emoções. Coutinho também me inspira bastante na escrita do roteiro, na minha eterna tentativa de produzir algo sensível, poético, humano e simples, perpassando por todos esses aspectos citados anteriormente, somados aos arquivos e experiências das filmagens.

Já no cenário do Estado do Ceará, temos o documentarista, jornalista e pesquisador Roberto Bomfim que realiza filmes documentais com temática social, educacional e cultural a partir da perspectiva histórico-social. Ele é ganhador de editais e prêmios diversos por suas obras como o filme *Charqueadas*, que em 2012 levou prêmio de melhor documentário do VII Festival de Cinema de Cascavel no Paraná³.

³ O documentário *Charqueadas*, está disponível para ser assistido através do link: <https://youtu.be/yWlzOjOdHkk>

Em uma entrevista concedida no primeiro semestre de 2020 ao Cine São Luiz, Roberto Bomfim afirmou que:

Senti falta na linguagem audiovisual, de trabalhos voltados para a história do Ceará. Somos poucos documentaristas que pensam sobre a história do Ceará. Alguma coisa acadêmica, outros pontuais, mas a (sic) vinte anos atrás, poucos cineastas trabalhavam com essa temática. Por isso, fiz e continuo produzindo. São mais de 20 anos de muito pertencimento e amor ao Ceará. Principalmente, respeitando a reconstrução de historiografias. São registros e reflexões de um passado, que no presente, prospecta informações às futuras gerações. Somamos o saber empírico com o saber acadêmico. E os dois saberes me fazem um eterno aprendiz. (DIAS,2020)

Roberto produziu um documentário sobre o Centro de Fortaleza, intitulado *Centro, coração do comércio* que traz certo holofote para a cidade e que ao assistir, causou-me o sentimento de pertencimento, pois o centro é um lugar que já frequentei bastante e ao ver o documentário, acabei me lembrando de diversos momentos que aconteceram por lá, além de perceber uma relação direta com o texto da Tércia Montenegro sobre o centro da cidade.

Além deste, Roberto também possui um documentário sobre a sua própria família, que se chama *Bomfimzada*, onde ele traz a origem da família, como se relacionam de lá até as filmagens do documentário e as confraternizações que a família realiza. Essa obra evidencia o sentimento de pertencimento a uma família cearense, além de servir como registro histórico, que são dois pontos dos quais pretendo conseguir contemplar no meu roteiro para o documentário. Roberto, assim como eu me interessei em fazer, utiliza-se de imagens da família, vídeos das confraternizações e depoimentos de vários familiares.⁴

Outro documentário que aborda a temática familiar chama-se *O chapéu do meu avô* de Júlia Zakia, que foi premiado como Melhor Filme nos Festivais de Clermont, Brasília Kinoforum, DocBH e Rotterdam. A obra nos mostra uma carga afetiva bem marcante e começa com Júlia pegando a câmera e se filmando enquanto percorre uma casa, até que filma seu avô de costas, enquanto ele assiste televisão e congela a imagem, adicionando sua voz off que nos diz: “esse aí atrás é meu avô, ele se chama Sérgio, tem uma fábrica de chapéu e eu tô tentando descobrir um jeito pra chegar mais perto dele”.

No fim do documentário, Júlia chama seu avô até seu quarto e o questiona: “Você sabe que é tipo, é uma declaração de amor, assim? O documentário?” e ele responde dizendo “Ah, isso eu não sei” (enquanto ri sem graça), e ela completa dizendo que acha que é uma declaração de amor sim e ele concorda. Com os dois visivelmente envergonhados e

⁴Os dois documentários mencionados estão disponíveis no seu canal do youtube intitulado: Roberto Bomfim documentarista para serem assistidos.

constrangidos com a declaração de amor de uma neta para o avô, ele a convida para assistir ao jogo, cada um dá um beijo na cabeça um do outro e eles saem do quarto.

Com isso, é possível ver a relação familiar entre eles, a liberdade da diretora em transitar nos espaços e em fazer as perguntas. Ela também treme a câmera diversas vezes e interfere bastante nas cenas, o que confere à obra um ar bastante informal, intimista e leve.

O cineasta Chris Marker produziu um foto-romance em 1962, chamado *La Jetée*, que possui apenas fotografias para contar uma história ficcional. Ele utiliza os recursos de narração off, controle do tempo em que cada imagem aparece, escolha dos efeitos para as imagens que aparecerem e desaparecerem e um leve tremor nas imagens que; na história, possuem certa tensão. Tudo isso fez com que Marker conseguisse dar o ritmo desejado para a obra.

Em outra obra de Marker, *Sans Soleil* de 1983 ele também utiliza o tremor nas imagens em certos momentos, porém o filme é majoritariamente composto de vídeos de diversos lugares do mundo e fotos, que vão sendo mostrados enquanto novamente a narração é feita em voz off. O documentário aborda as temáticas de tempo e memória, também, dentro de uma ficção.

Encontrei na revista de cinema *Contracampo*, um artigo escrito por Bolívar Torresque que relaciona os dois filmes. Ele diz:

Apesar do longo espaço de tempo que os separa, *La Jetée* e *Sem Sol* são dois filmes que se complementam. Não são filmes que precisam, necessariamente, ser vistos juntos; porém, quando postos lado a lado, o mínimo que se pode dizer é que se potencializam. Se *Sem Sol* se impõe como um ensaio livre, inclassificável até, *La Jetée* é um dos poucos filmes de ficção de Marker. (TORRES,S/D)

Chris Marker decidiu fazer obras de ensaio livre e de ficção, tipologias que até então ele ainda não havia produzido e que acabaram se tornando marcos na história do cinema mundial. Com isso, trago a reflexão de que dentro do universo das artes, nós sempre podemos percorrer novos rumos, desafiar-nos e por mais que no resultado final de algo novo, não seja cem por cento novo de fato, cada releitura, readaptação e transformação das criações artísticas tem o seu valor. Às vezes uma pequena provocação criativa pode gerar um grande insight, que talvez não ocorresse em obras super elaboradas e vice-versa.

O documentarista João Moreira Salles traz, em sua obra: “*No intenso agora*”, a suposição através de imagens e vídeos históricos, dos quais ele vai criando narrativas ficcionais. Por causa disso, acabo enxergando um paralelo entre o documentário de João com os anteriormente citados de Chris Marker. Uma fala específica de João, que me chamou atenção,

diz que: “nem sempre a gente sabe o que tá filmando”, e em parte eu concordo bastante com essa afirmação, pois uma cena filmada para finalidade X pode facilmente acabar servindo para finalidades Y, Z, ainda mais se forem acompanhadas dessa escolha cinematográfica de trazer imagens junto com narrações ficcionais.

Das duas obras de Eduardo Coutinho que destaco aqui, interessa-me a técnica de realizar documentário dele, a forma como ele produz cinema, sempre bem próxima dos entrevistados e de suas histórias reais. Já nos dois documentários de Roberto Bomfim, o que me chama atenção são as temáticas sempre voltadas para o Ceará, que me causam sentimento de pertencimento e valorização “do que é nosso”.

E por fim, no documentário da Julia Zakia, eu tanto me interesso pela temática familiar e a forma afetiva como é abordada, quanto pelas escolhas técnicas que a autora decidiu ter, como por exemplo não cortar cenas em que a câmera treme e as demais que já citei anteriormente.

Para a escrita do roteiro, que apresento a seguir, utilizo-me das entrevistas filmadas que já realizei, como experiências que podem se articular às outras descobertas dessa pesquisa, como o exercício das re-memórias em textos e na construção das pranchas de fotografias dos álbuns de família e arquivos dos artistas.

Tive a intenção de reunir esses materiais coletados e criados durante a pesquisa, para que apareçam de alguma maneira no roteiro, porque acredito que revelam o processo de criação. O roteiro possui em torno de 19 cenas, sendo uma versão não definitiva da obra, trazendo frames das 11 entrevistas realizadas como sugestão para possíveis enquadramentos, indicações de imagens para serem exibidas (que também estão nas pranchas de fotos da pesquisa), assim como partes dos textos das re-memórias que foram incluídas no roteiro para aparecerem como narração em voz off.

No roteiro também incluí sugestões para a aparição de matérias de jornais coletadas pelos próprios artistas que estão nos anexos, filmagens das minhas chegadas aos locais das entrevistas, filmagens de momentos em família, etc.

Essa é a maneira que busco na escrita do roteiro, trazer o cinema engajado com o mundo em que fala Comolli e, sobretudo, assumir o meu risco com temáticas reais, pessoas e histórias reais.

3.2 Versão atual do roteiro

LOS MEDEIROS

Roteiro para documentário

Versão 04, abril de 2023

Escrito por

Camile Leal de Medeiros

camilelm@gmail.com

(85) 99928.8138

CENA 01: ANSELMO NO PASSEIO PÚBLICO

Anselmo caminha pelo Passeio Público de Fortaleza, a partir da entrada da Rua Dr. João Moreira, atravessando direto até a grade de onde se vê o quartel, enquanto admira a vista do Parque, das árvores e se aproxima da área militar que existe ao fundo, local onde ele teve que servir como soldado quando era jovem.

Sobre o som original da cena (que possui diversos ruídos), em um volume bem baixo, cerca de dez segundo depois da entrada de Anselmo no Parque, entra a voz de Camile enquanto Anselmo vai caminhando e observando a paisagem, escuta-se o off:

Camile (OFF)

" Eu me chamo Camile Leal de Medeiros, sou cearense e esse que está caminhando é o meu pai, Anselmo Tavares de Medeiros. Artista plástico, mais precisamente escultor. Esse é um documentário sobre a nossa família de artistas cearenses, a saber, Los Medeiros".

Figura 3 – Frame do vídeo realizado no dia 02.09.2022



Fonte: Elaborada pela autora.

Após o fim da caminhada de Anselmo, que dura em torno de 1 minuto, surgem letras brancas centralizadas em um fundo preto com o título do documentário, seguido do barulho de uma claquete de cinema sendo fechada:

Figura 4 – Los Medeiros



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 02: ENTREVISTA COM ANSELMO MEDEIROS

Vemos Anselmo sentado no meio da cena, vestido com uma camisa azul e ao seu lado esquerdo da imagem, podemos observar uma de suas esculturas ao fundo: São Francisco de Assis de joelhos rezando, uma obra de arte feita em pedra sabão.

Anselmo assim que se apresenta, sem precisar de nenhuma pergunta, já diz que possui uma família, onde todos são artistas e continua falando da sua trajetória com as esculturas. A primeira pergunta respondida é: Quando começou a produzir?

Essa cena dura em torno de 3 minutos e ao longo de sua fala, vão sendo intercaladas as fotografias antigas dele, da família e de algumas obras de arte⁵.

Figura 5 – Frame do vídeo realizado no dia 05/02/2022



Fonte: Elaborada pela autora.

⁵ Algumas das fotografias que serão exibidas estão presentes nas pranchas: ANSELMO e OS IRMÃOS .

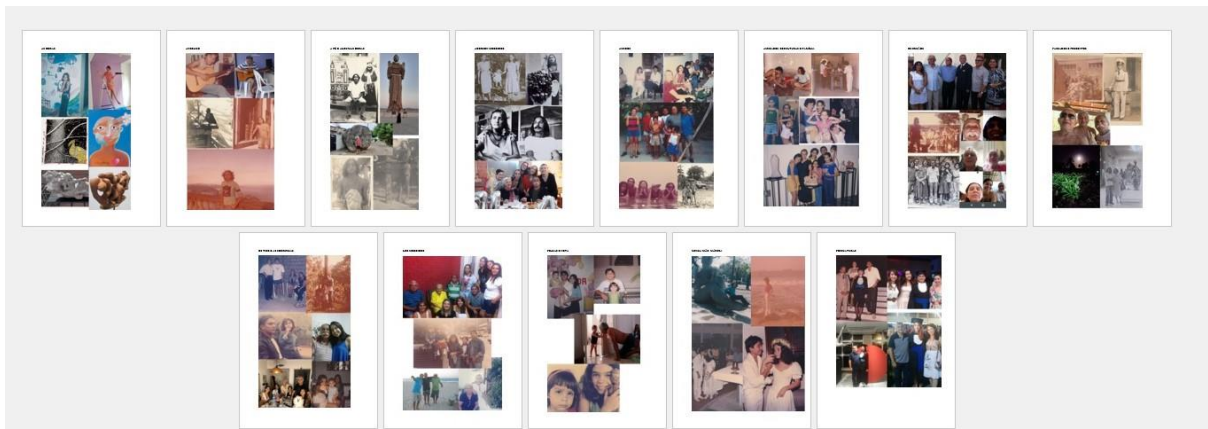
CENA 03: APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA

Algumas pranchas que possuem várias fotos vão sendo exibidas, dando zoom em fotos selecionadas, fazendo movimentações percorrendo as imagens, além das trocas entre uma prancha e outra, vão sendo exibidas enquanto se escuta a narração em off de Camile:

Camile (OFF)

"Essas são fotos de família, que mostramos outros artistas da família Los Medeiros, tanto os meus tios (irmãos do meu pai), quanto à minha irmã do meio, Carolina, que dentre suas obras de arte, pintou um muro na rua Tabajaras localizada na Praia de Iracema, onde em nossa infância fomos a várias exposições, inclusive uma do nosso pai no Estoril. É um lugar de muitas memórias e afetos para nós".

Figura 6 – Pranchas produzidas durante a pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 04: CAROLINA

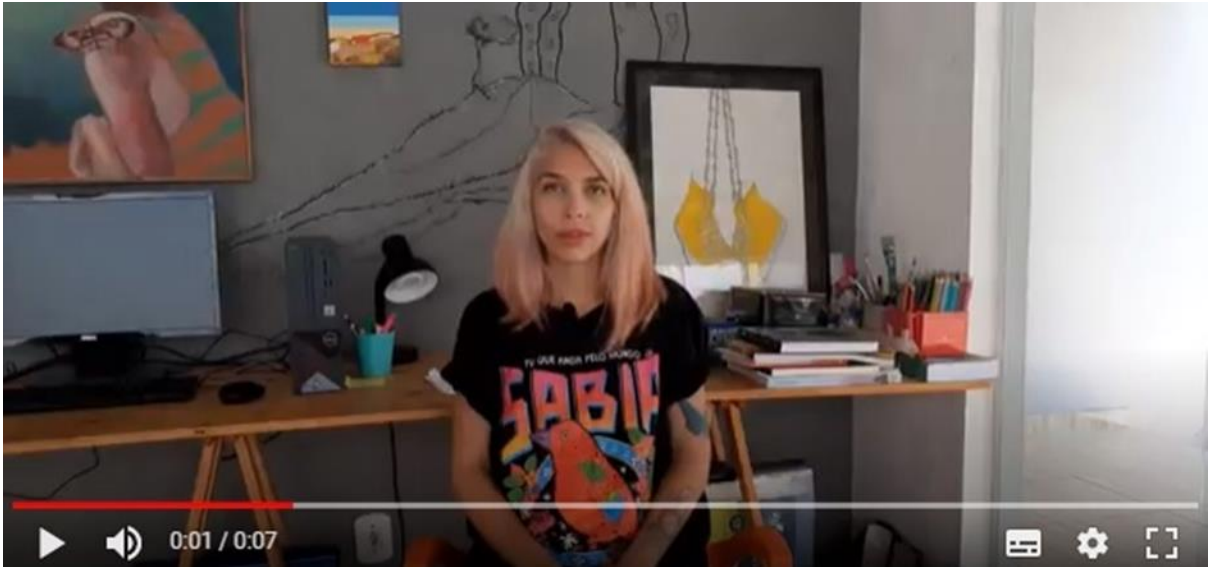
Carolina está no meio da cena, na sala de sua casa, onde ao fundo é possível ver uma estação de trabalho, alguns quadros e parte dos desenhos de Anselmo, que fazem parte da parede artística realizada em parceria com Carolina.

Carolina responde às seguintes perguntas: 1- Nome completo, lugar na família e profissão. 2- Como é a relação de ter um artista em casa? 3- Essa arte te influenciou? De que forma?

E responde sobre ser uma artista que faz pinturas em parede, a influência que recebeu em sua vida por ser filha de um artista, a relação com a família etc.

Com duração em torno de 2 minutos, enquanto ela fala também aparecem fotografias dela com a família e alguns segundos dos vídeos pintando o muro da rua Tabajaras.⁶

Figura 7 – Frame do vídeo realizado no dia 18/09/2021



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 05: ENTREVISTA COM ALMIRO

Almiro aparece no lado direito da cena, sentado ao lado de algumas das suas obras de arte que aparecem no lado esquerdo da cena. Também possui na parede uma fotografia do seu filho mais velho, Rodrigo, quando era criança.

Almiro separa em sua mesa, parte das suas obras enquanto responde às perguntas: 1- Nome completo, a arte que faz. 2- Quando começou a produzir? 3- Qual sua técnica para produzir suas obras? 4- Então, também é interessante misturar os elementos nas esculturas?

A cena dura em torno de 3 minutos e ao longo de sua fala, também vão aparecendo fotografias dele com sua família, com os irmãos, de suas obras de arte e dele dançando forró com a sobrinha Érika.⁷

⁶ Algumas das fotografias que podem ser exibidas estão presentes nas pranchas: AS OBRAS / AMIZADES, ESCULTURAS E FAMÍLIA / FILHAS E NETA/ FORMATURAS.

⁷ Algumas das fotografias que podem ser exibidas estão presentes nas pranchas: OS IRMÃOS / PASSADOS E PRESENTES / LOS MEDEIROS

Figura 8 – Frame do vídeo realizado no dia 09/10/2022



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 06: TRAJETO FORTALEZA - BALBINO, CASA DE ADERSON E ANNA

Imagens do deslocamento dentro de um carro percorrendo a CE040. Nessas imagens se vê a rodovia estadual, a estradinha que leva à Praia da Caponga até chegar na Praia do Balbino. Na sequência, Aderson abre a porteira de seu terreno, cumprimenta Anselmo e Márcia, comenta sobre algumas plantas enquanto os três vão entrando a caminho da casa de costas para a câmera.

Na sequência seguinte, aparecem os pés de Camile caminhando nesse trajeto até chegar na casa, subindo as escadas e cumprimentando Anna. A cena dura em torno de 1 minuto e meio.

Enquanto todas essas imagens vão aparecendo, Camile faz a leitura de seu texto CASA DO BALBINO em voz off:

Camile (OFF)

Meu tio mais velho, Aderson Medeiros, possui uma casa em Caponga, na Praia do Balbino.

A casa é toda branca com madeira escura, lindíssima! Na entrada, vemos uma cerca de madeira e arames farpados. Uma grande entrada coberta de areia branca, num terreno cercado de árvores para todos os lados, até chegar nos degraus de madeira que nos levam à entrada oficial da casa. Na frente existe uma porta pequena, que dá diretamente numa escada.

Quando estamos lá em cima, podemos contemplar a vista panorâmica da sala branca, repleta de quadros pintados por ele em todos os lugares. Móveis de madeira, sofá de alvenaria, um enorme tapete branco, várias fotos espalhadas, livros e documentos.

Figura 9 – Frame do vídeo realizado no dia 01/11/2021



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 07: ADERSON

Aderson está no meio da cena, sentado na frente e ao mesmo tempo embaixo de uma de suas pinturas que fica na varanda de cima, da sua casa no Balbino. No lado esquerdo, está a porta que liga a varanda com a sala e do lado direito a janela com cobogós de madeira.

Com uma camisa branca escrita em vermelho: Hello Nature, Aderson comenta de forma livre os temas a seguir:

Origem da família Medeiros, a importância e respeito que a família sempre teve com a natureza, algumas personalidades bem famosas das quais ele teve a honra de conhecer e conviver, como: Rachel de Queiroz (sua segunda mãe), Aldemir Martins, Estrigas entre outros.

A cena dura em torno de 4 minutos e, ao longo de sua fala, também vão aparecendo fotografias dele com sua família, com os irmãos, de suas obras de arte e com sua grande amiga Rachel de Queiroz.⁸

⁸ Algumas das fotografias que podem ser exibidas estão presentes nas pranchas: ADERSON MEDEIROS / PASSADOS E PRESENTES / OS TIOS E AS SOBRINHAS.

Figura 10 – Frame do vídeo realizado no dia 01/11/2021



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 08: ANNA MEDEIROS

Anna está no meio da cena, sentada na varanda de sua casa, onde o mar fica na direção esquerda da imagem. Atrás dela, no lado direito, é possível ver algumas de suas obras de arte, quase todas com matéria-prima do coco. No fundo da cena, existe uma cortina de palha que tapa a visão do cajueiro descrito no texto de Camile: CASA DO BALBINO

Anna responde às seguintes perguntas: 1- Nome completo, a arte que faz. 2- Como foi que começou o projeto Coco Balbino? 3- A senhora tem noção de quantas pessoas vocês já ajudaram com esse projeto? 4- Como é a relação de ser uma artista e ser casada com outro artista?

A cena dura em torno de 4 minutos e ao longo de sua fala, também vão aparecendo fotografias dela com sua família e das suas obras de arte.

Figura 11 – Frame do vídeo realizado no dia 01/11/2021



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 09: ARNILDA

Vídeo da tia Arnilda, com a voz de Camile em off:

Camile (OFF)

"Além da tia Anna que é esposa do tio Aderson, ser artista e artesã, também temos na família a tia Arnilda, que dos irmãos Medeiros é a mais nova. Atualmente ela mora em Milão, na Itália, mas veio nos visitar brevemente e fizemos a entrevista a seguir":

Arnilda está no meio da cena, ligeiramente com vergonha, em um fundo branco, ao lado de uma janela onde podemos ver parte de uma sala e cozinha. Ela responde às perguntas:

1- Nome completo, a arte que faz. 2- Onde a senhora mora atualmente? 3- Qual sua técnica para produzir o crochê?

Logo no início, sem ser questionada, ela comenta sobre o privilégio de nascer em uma família de artistas e como desde sempre teve contato com algumas linguagens da arte.

A entrevista dura em torno de 2 minutos e ao longo de sua fala, também vão aparecendo fotografias antigas com a família, fotos recentes dela e outras recentes com a família.⁹

Figura 12 – Frame do vídeo realizado no dia 01/10/2022



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 10: TRAJETO FORTALEZA - SÃO PAULO, APARTAMENTO DE ALCEU E MARI.

Imagens do deslocamento desde o aeroporto de Fortaleza, voo, pouso, aeroporto de Congonhas em São Paulo, ida no uber, fachada externa do apto de Alceu, subida no elevador e abertura da porta (todas com áudio original das cenas). A cena dura em torno de 1 minuto e meio.

Figura 13 – Frame do vídeo realizado no dia 25/09/2021



Fonte: Elaborada pela autora.

⁹Algumas das fotografias que podem ser exibidas estão presentes nas pranchas: OS IRMÃOS/ LOS MEDEIROS

CENA 11: ALCEU

Alceu está no meio da cena, sentado no sofá da sala em seu apartamento, com um computador do lado direito da cena e ao fundo aparecem parte de 02 quadros pintados por ele.

Alceu responde às seguintes perguntas: 1- Nome completo, profissão e a arte que faz. 2- Fale um pouco sobre sua vida. 3- Houve dificuldades por ser artista cearense? 4- Fale sobre sua família e qual o papel da sua família para você.

Com duração em torno de 4 minutos, enquanto Alceu fala também aparecem fotografias antigas dele com a família, fotos recentes e alguns segundos de vídeos dele mostrando suas obras de arte.¹⁰

Figura 14 – Frame do vídeo realizado no dia 25/09/2021



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 12: AS MULHERES PARA ALÉM DOS ARTISTAS

Vídeo das sobrinhas Camile, Carolina e Amanda com os tios Alceu e Mari e a prima Marina reunidos em um almoço. Nessa sequência, escuta-se a voz de Camile em off:

Camile (OFF)

¹⁰Algumas das fotografias que podem ser exibidas estão presentes nas pranchas: AMIGOS / OS TIOS E AS SOBRINHAS /

“Agora, que vocês já conheceram os artistas da família Los Medeiros, essa última parte do documentário é sobre as pessoas que também fazem parte da família e por causa da convivência com esses artistas, acabaram tendo experiências artísticas também, assim como eu dirigindo esse documentário. A primeira é a tia Mari, esposa do tio Alceu”.

CENA 13: MARI

Mari está no meio da cena, sentada no sofá da sala em seu apartamento, no lado esquerdo podemos ver a varanda com algumas plantas e no direito aparece parte do quadro pintado por Alceu.

Mari responde às seguintes perguntas: 1- Nome, lugar na família e profissão. 2- Como é a relação de ter um artista em casa? 3- Qual sua relação com toda a família Medeiros? 4- Deixa um recado para o Alceu.

Com duração em torno de 3 minutos, enquanto Mari fala também aparecem fotografias antigas e recentes dela com a família.¹¹

Figura 15 – Frame do vídeo realizado no dia 25/09/2021



Fonte: Elaborada pela autora.

¹¹Algumas das fotografias que podem ser exibidas estão presentes nas pranchas: LOS MEDEIROS / OS TIOS E AS SOBRINHAS

CENA 14: MÁRCIA

Márcia está na direita, quase no centro da cena, sentada no escritório de sua casa com o desenho de Anselmo no lado esquerdo da cena (uma mulher com vestido azul e segurando um vaso na cabeça).

Márcia responde às seguintes perguntas: 1- Nome, lugar na família e profissão. 2- Como é a relação de ter um artista em casa? 3- Essa arte te influenciou? De que forma?

Com duração em torno de 3 minutos, enquanto Márcia fala também aparecem fotografias antigas e recentes dela com a família.¹²

Figura 16 – Frame do vídeo realizado no dia 18/09/2021



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 15: ARLETE

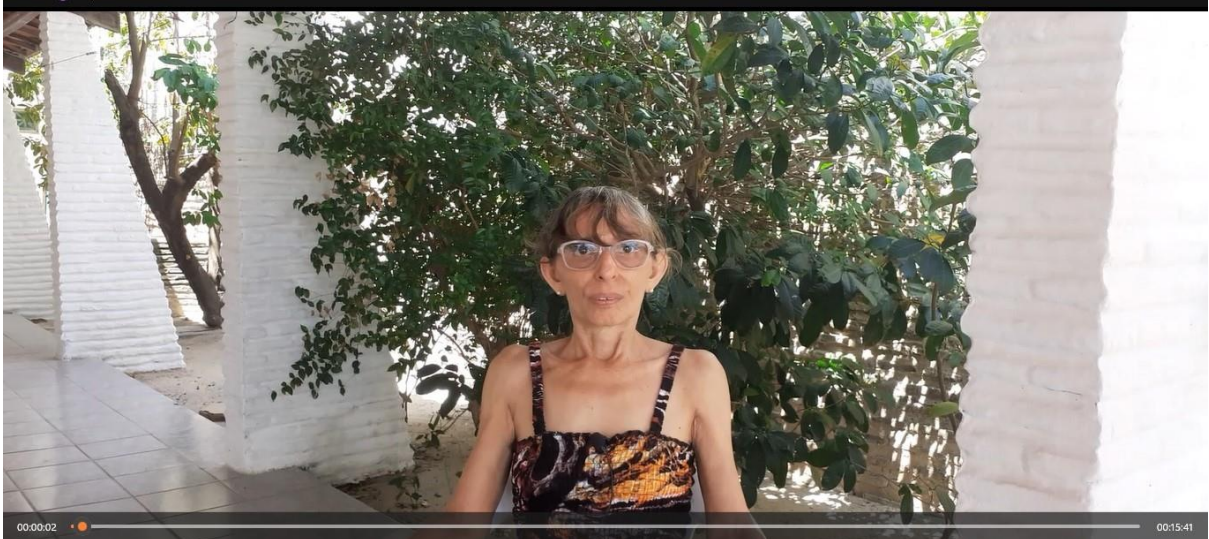
Arlete aparece no centro da cena, com várias plantas atrás dela em uma varanda toda branca. Comunica-se através de um tom de voz mais baixo e tem uma voz rouca.

Arlete responde às seguintes perguntas: 1- Nome, lugar na família. 2- Quais são as suas influências na família? 3- Tem alguma lembrança da família toda ouvindo rock? 4- Qual o papel da sua família para você?

¹² Algumas das fotografias que podem ser exibidas estão presentes nas pranchas: AMIZADES, ESCULTURAS E FAMÍLIA/ FILHAS E NETA / MINHA MÃE, MÁRCIA/ FORMATURAS.

A entrevista dura em torno de 2 minutos.

Figura 17 – Frame do vídeo realizado no dia 01/10/2022



Fonte: Elaborada pela autora.

CENA 16: AMANDA

Sofia aparece no lado esquerdo e Amanda no lado direito da cena, sentadas na varanda de casa. Sofia é a única neta do Anselmo, e filha da Amanda.

Amanda responde às seguintes perguntas: 1- Como é a relação de ter um artista em casa? 2- O que você consegue aproveitar nas suas fotos? 3- Qual a sua relação com toda a família Medeiros?

Amanda apresenta a Sofia, e pergunta se ela quer falar do vovô.

A entrevista dura em torno de 2 minutos.

CENA 17: SOFIA

Exibição de algumas fotos e vídeos da Sofia com o vovô Anselmo, com duração de 1min.

Logo depois, a entrevista de Sofia na mesma cena em que ocorreu a entrevista de Amanda e ela responde as perguntas: 1- Como você se sente tendo artistas na sua casa? 2- Você gosta de desenhar? 3- O que mais você faz, além de desenhar? 4- Os artistas da família te ajudam a desenhar e pintar? 5- Tem alguma obra do vovô que você acha bonita? e termina a entrevista com Amanda e Sofia dando um abraço.

Figura 18 – Frame do vídeo realizado no dia 14/10/2022



Fonte: Elaborada pela autora.

CENAS FINAIS: LOS MEDEIROS

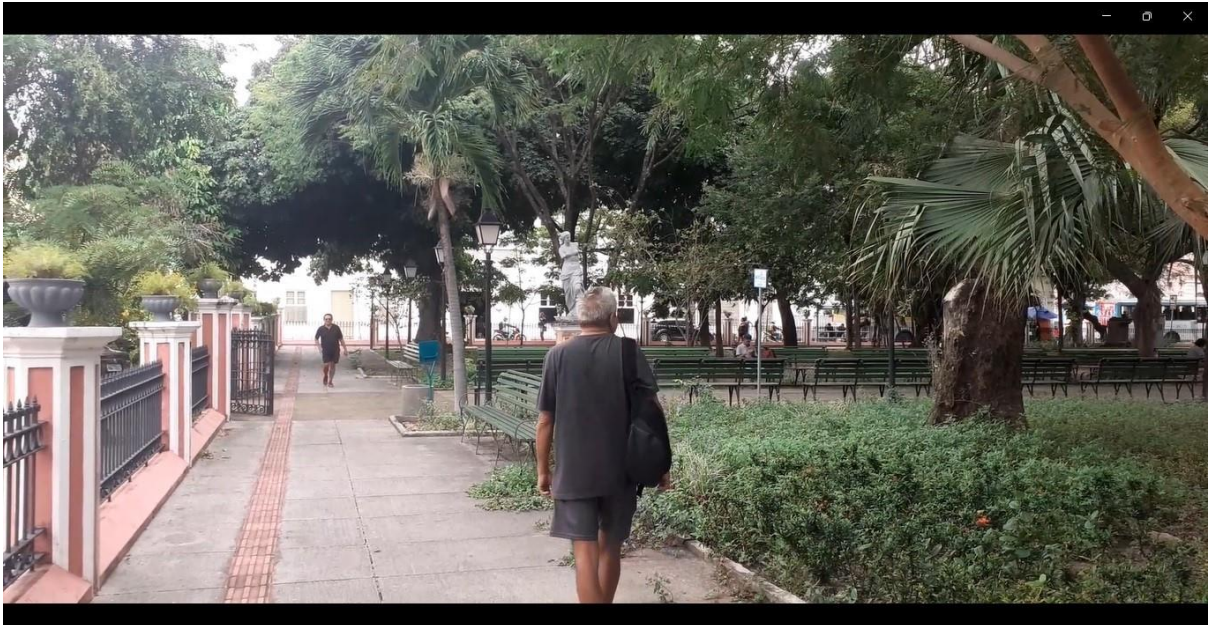
Vídeo editado com pequenos trechos dos bastidores das várias entrevistas realizadas.

Após isso mais algumas fotos e vídeos de momentos em que os familiares estiveram reunidos e finaliza com um vídeo de Anselmo saindo do Passeio Público, em direção a Rua Dr. João Moreira, com a voz de Camile em off:

Camile (OFF)

“Essa é a minha família, Los Medeiros, que vocês puderam conhecê-los um pouco melhor agora. Esse documentário é um pequeno pedaço imaterial da história do Ceará e das suas artes plásticas, envolvendo família, arte e os laços que nos unem. Encerro dizendo que fiz o meu melhor para lhe mostrar essa história e eu espero verdadeiramente, que você tenha gostado. Até mais, e quem sabe; no futuro, voltamos com novas histórias”.

Figura 19 – Frame do vídeo realizado no dia 02.09.2022



Fonte: Elaborada pela autora.

FIM

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de família é importante, falar da nossa é mais ainda. Falar de pessoas é importante, falar de cearenses sendo uma cearense, é mais importante ainda. Falar sobre artistas e as suas obras é importante, fazer isso enquanto eles estão vivos para se sentirem vistos e valorizados, é fundamental.

Desde o projeto desta pesquisa, sempre foi o meu principal desejo trazer as trajetórias dos artistas da minha família, especificamente no recorte da produção artística da cidade de Fortaleza, já pensando em utilizar o livro da Tércia Montenegro como inspiração. Assim, logo que entrei no mestrado, optei por utilizar-me do livro sobre processos de criação da Cecília Salles, por tamanha identificação que tive com a maneira que ela desenvolve o assunto.

A ideia de construir pranchas de fotos, a partir da obra de Aby Warburg, somada ao conceito de atenção de Virgínia Kastrup, associados com a noção de autoficção e a discussão sobre o que é contemporâneo trazida por Agambem culminaram na criação dos materiais poéticos, que, reunidos, tornaram-se a parte mais diferente e, na minha humilde opinião, a mais bonita dessa dissertação: as re-memórias. É nesse segundo capítulo que podemos ver objetivamente a família que foi apresentada, através das obras de arte que foram criadas pelos meus familiares e pelas imagens do nosso cotidiano em família, e pela minha própria criação, tanto na curadoria, separação e reorganização das fotos quanto pela escolha das histórias contadas, a re-memória como procedimento que de fato existiu fortemente nesse processo, juntamente com a autoficção e o conceito de atenção. Tudo isso me fazendo relembrar o privilégio de ter experimentado na prática, desses exercícios de criação, todos os conceitos teóricos que foram apresentados ao longo desta pesquisa.

Além das diversas leituras e autores que me inspiraram na criação do roteiro, também assisti a vários documentários com temáticas e estilos diferentes, para ver como os documentaristas lidavam e apresentavam suas histórias. E aprendi que existem diferentes poéticas em cada um deles, das mais diferentes formas e abordagens, para prender a atenção do público e dar sentido ao que querem que seja dito.

A primeira versão do roteiro além de estar fora da formatação convencional, teria uma duração de tempo bem maior, o que poderia acabar se tornando desinteressante ao público. Também apresentava como personagens principais somente quatro dos seis irmãos que ainda possuem contato entre si, o que ocasionava em certo grau um apagamento das três artistas mulheres da família, o que não faz nenhum sentido com o que eu acredito e busco abordar no

roteiro. Então era mais um ponto a favor da necessidade de reescrita, já que na versão do roteiro apresentada aqui todos os artistas da família possuem o mesmo espaço.

Nessa versão, utilizei algumas estratégias poéticas: imagens com o áudio original da cena por pelo menos 30 segundos, mesmo que tenha muito ruído da cidade/externo e sem nenhuma fala, para haver um silêncio proposital, um “respiro” onde o espectador vai se concentrar somente nas imagens, naquilo que literalmente não é dito. Existe também a minha interferência através da voz off, para ir guiando o leitor/espectador com informações extremamente relevantes. Minha voz fez o papel de narradora falando o que não se consegue deduzir somente com as imagens, acreditei ser preciso fazer esse resgate de informações e repassá-las através da minha voz. Outra informação importante: cada entrevistado do roteiro escolheu o local que seria entrevistado, uma das minhas formas de deixá-los mais à vontade e confortáveis. Cada um na sua forma singular de pensar e se expressar, creio que foi a maior riqueza a considerar na criação desse roteiro. A diversidade de pessoas, idades, experiências de vida e de arte é o que faz essa história ficar interessante, essa pluralidade em uma única família e todos conectados pela arte.

Importante também abordar dois conjuntos de pontos sensíveis que fazem parte de todo o processo, começando pelas questões que quis responder inicialmente e precisei reformular: Quais as perguntas ideais para fazer nas entrevistas? Qual a abordagem ideal para o roteiro? Existe isso de formato ideal? Ou estou sendo vítima de mero perfeccionismo e sabotagem de nunca estar bom suficiente? O que era importante abordar na pesquisa, e acabei não enxergando? Esses pontos sensíveis estavam presentes desde os conceitos teóricos, passando por minhas reflexões, até a escrita do roteiro.

E o segundo grupo de pontos sensíveis é o que veio durante a pesquisa, e acabei não dando conta: não consegui entrevistar todos os membros da família (ou por incompatibilidade de agenda, falta de tempo ou por indisponibilidade); não consegui imagens e vídeos da vinda da minha tia da Itália para o Brasil (mas ainda há esperança de que daqui para de fato a produção do documentário, haja tempo hábil para coletar essas imagens); ter tido algumas entrevistas diferentes da expectativa inicial; minha insegurança se sobressaiu algumas vezes, também preciso lidar com a expectativa de que a família considera: em ser lançado de fato um documentário a contento de todos (mesmo desde o início assumindo meu lugar de experimentação, continua sendo difícil de lidar); e o principal ponto que não consegui dar conta foi aprofundar um enfrentamento ao mercado das artes plásticas de Fortaleza, que é uma queixa da qual escuto falar desde que nasci, através do meu pai e dos meus tios, que apareceu novamente nas falas durante as entrevistas e que nós, como moradores e habitantes desta cidade,

acompanhamos as notícias e o cenário o suficiente para sabermos que esta não dispõe de tantas e diversas oportunidades para todos os artistas.

Contudo consigo enxergar novos caminhos esperançosos para a cidade com a chegada de novos equipamentos culturais como a Pinacoteca, Estação das Artes e o re-inaugurado Museu da Imagem e do Som do Ceará. Juntamente a isso, enxergo que no futuro o roteiro será utilizado sim para a edição de um documentário. Esse é sem dúvidas o cenário mais realista e possível de ser realizado, em total sintonia com essa pesquisa.

Mesmo com todas essas lacunas, avalio que a pesquisa foi realizada a contento, tendo em vista que a todo momento foi concretizada com o melhor que eu tinha a oferecer. Espero conseguir ajudar outros pesquisadores a verem novos caminhos possíveis de se pesquisar, desde buscar inspirações, até a forma como vemos semelhanças entre elas e fazendo conexões etc.

O roteiro assim como toda a pesquisa é parcial, afetivo, sob meu ponto de vista. E traz consigo um reflexo de como todas essas experiências me inspiraram e influenciaram no desenvolvimento dessa criação, e no meu aprendizado durante todo o processo da criação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Tradutor Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Argos, 2009.

ARTES PLÁSTICAS | PARTE 1 | DIÁRIO REPÓRTER. Reportagem: Darley Melo e Ricardo Mota. Youtube. 17/07/2019. Duração: 8 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vZ0qpdNQ_yk/ Acesso em: 10 mar. 2022.

ARTES PLÁSTICAS | PARTE 2 | DIÁRIO REPÓRTER. Reportagem: Darley Melo e Ricardo Mota. Youtube. 17/07/2019. Duração: 8 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IvakPMurG_Y/ Acesso em: 10 mar. 2022.

ARTES PLÁSTICAS | PARTE 3 | DIÁRIO REPÓRTER. Reportagem: Darley Melo e Ricardo Mota. Youtube. 17/07/2019. Duração: 9 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gyDTMZnXIws/> Acesso em: 10 mar. 2022.

BOMFIMZADA (CEARÁ CULTURAL E PERTENCIMENTO). Direção: Roberto Bomfim Júnior. Youtube. 29/04/2020. Duração: 42 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-aE3urbfjmE/> Acesso em: 07 fev. 2023.

CENTRO, CORAÇÃO DO COMÉRCIO. Direção: Roberto Bomfim Júnior. Youtube. 04/04/2022. Duração: 31 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ckc1II8U8Pk/> Acesso em: 07 fev. 2023.

COMOLLI, Jean-Louis. **Sob o Risco do Real**. Catálogo Fórum Doc BH 2001. Disponível em: <https://issuu.com/forumdoc/docs/catalogo2001/> Acesso em: 03 set. 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas ou o Gaio Saber Inquieto: O olho da História III**. Tradução Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2018.

EDIFÍCIO MASTER. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Videofilmes. Globoplay. 2002. Duração 1h 49 min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/edificio-master/t/JdS1qZFWKX/> Acesso em: 24 fev. 2023.

EXPOSIÇÃO. **Gerações Cearense**. Opovo, Fortaleza, quarta-feira, 21 mai. 2003. Caderno vida & arte, p. 5, terceiro parágrafo.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/FWGjkZbNxJ3r7YFy4SgZ3Bj/?lang=pt/> Acesso em: 18 fev. 2023.

JOGO DE CENA. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Videofilmes e Matizar. Globoplay. 2007. Duração: 1h 45min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/jogo-de-cena/t/pPYVdYWmz2/> Acesso em: 24 fev. 2023.

KASTRUP, Virgínia. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

KRENAK, Ailton. **A vida não é Útil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.
LAPROVITERA, Unifor Plástica. Blog do Laprovitera, julho de 2011. Disponível em:
/http://laprovitera.blogspot.com/2011/07/unifor-plastica.html/. Acesso em: 15 mar. 2022.

LA JETÉE (LA JETEE 1962) FULL FILM. Direção: Chris Marker. Produção: Janus Films e Argos Films. Youtube. 06/07/2020. Duração: 28 min. Disponível em:
/https://www.youtube.com/watch?v=fU99W-ZrIHQ/ Acesso em: 25 jan. 2023.

MASTERCLASS " COMO FAZER CINEMA COM QUASE NADA: A GRAMÁTICA MÍNIMA DE EDUARDO COUTINHO ". Palestrante: João Moreira Salles. Produção: 47ª edição do programa Ocupação Itaú Cultural. Youtube. 07/10/2019. Duração: 2h 38 min. Disponível em: /https://www.youtube.com/watch?v=LCYKFscdLB0/ Acesso em: 17 nov. 2021.

MESQUITA, Cláudia. **Entre agora e outrora: a escrita da história no cinema de Eduardo Coutinho**. Disponível em:
/https://www.scielo.br/j/gal/a/rBQGqMjVr3JxTr5RFgwQVSsw/?lang=pt/ Acesso em: 18 fev. 2023.

MINIMUSEU FIRMEZA. **Aderson Medeiros**. Disponível em:
/https://www.minimuseufirmeza.org/artista/aderson-medeiros/ Acesso em: 15 mar. 2022.

MONTENEGRO, Tércia. **Dicionário Amoroso de Fortaleza**. Anajé (BA), Casarão do Verbo, 2014.

MUSEU DE ARTE DA UFC - MAUC. **Exposição 1976.05 – Aderson Medeiros – Pinturas.Objetos – 30/09/1976**. Disponível em: /https://mauc.ufc.br/pt/exposicoes-realizadas/exposicao-1976-04-aderson-medeiros-pinturas-objetos-30-09-1976/ Acesso em: 15 mar. 2022.

NASCIMENTO, Evando. **Autoficção como dispositivo: Alterficções**. Matraga, 2019. Disponível em: /DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/matraga.2017.31606/> Acesso em: 17 jun. 2022.

NO INTENSO AGORA. Direção: João Moreira Salles. Produção: Videofilmes. Globoplay. 2017. Duração: 2h . Disponível em: /https://globoplay.globo.com/v/9146693/?s=0s/ Acesso em: 24 fev. 2023.

NORONHA, Jovita Maria. **Ensaio sobre a Autoficção**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

NOSTALGIAS DE LA LUZ - PATRICIO GUZMÁN - 2010. Direção: Patricio Guzmán. Produção: Atacama Productions. Youtube. 17/02/2017. Duração: 1h 29 min. Disponível em: /https://www.youtube.com/watch?v=hQ6Ml6Aa8g4/ Acesso em: 16 nov. 2021.

O CHAPÉU DO MEU AVÔ (FILME COMPLETO). Direção: Julia Zakia. Youtube. 28/01/2019. Duração: 29 min. Disponível em:
/https://www.youtube.com/watch?v=GUICyBehlgo/ Acesso em: 03 fev. 2023.

O PORTO DE SANTOS | 1978 - ALOYSIO RAULINO. Direção: Aloysio Raulino. Produção: Tânia Savietto. Youtube. 26/09/2016. Duração: 19 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QxaST1SN2v0/> Acesso em: 16 nov. 2021.

REDAÇÃO, **XIII Unifor Plástica anuncia vencedores.** Jornal Diário do Nordeste, outubro de 2005. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/xiii-unifor-plastica-anuncia-vencedores-1.276595/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

REDAÇÃO, **Último dia para visitar a XIII Unifor Plástica.** Jornal Diário do Nordeste, janeiro de 2006. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/ultimo-dia-para-visitar-a-xiii-unifor-plastica-1.639946/> Acesso em: 15 mar. 2022.

SALA DE CINEMA: EDUARDO COUTINHO. Direção: Luiz R. Cabral. Produção: Júlia Maury e Luanda Baldijão. Youtube. 24/04/2020. Duração: 53 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fbIqBXvdZr0/> Acesso em: 17 nov. 2021.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado:** Processo de Criação Artística. São Paulo, Annablume, 1998.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação: construção da obra de arte.** Registro na Biblioteca Nacional 359.234. Livro 663 Folha 394

SANS SOLEIL (SUNLESS) - CHRIS MARKER 1983 || ENGLISH VERSION. Direção: Chris Marker. Produção: Janus Films e Argos Films. Youtube. 29/05/2021. Duração: 1h39 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fdusEgrbhgA/> Acesso em: 25 jan. 2023.

SOÁREZ, Ednilton. **Pluralidade.** Galeria Vicente Leite, abril de 2016. Disponível em: <https://galeria.uni7.edu.br/exposicoes/pluralidade/> Acesso em: 15 mar. 2022.

TORRES, BOLÍVAR. **LA JETÉE & SEM SOL.** Contracampo Revista de Cinema 86. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/86/dvdlajetee.htm/> Acesso em: 17 fev. 2023.

VARIÉDADES. **Aderson e Anselmo Medeiros, juntos, na Assefaz Galeria.** Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, terça-feira, 16 set. 1986. Segundo Caderno, p. 5, oitavo parágrafo.

WIX SITE. **Alceu Medeiros Portfólio.** Disponível em: <https://alceumedeiros.wixsite.com/alceumedeiros/blank/> Acesso em: 29 jul. 2022.

III UNIFOR PLÁSTICA. **Os novos caminhos da arte cearense.** Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, quinta-feira, 18 nov.

APÊNDICE A – LEGENDAS DAS RE-MEMÓRIAS II

AS OBRAS

1. Camile na parede pintada na casa dos pais
2. Carolina pintando parede no apartamento da Camile
3. Desenho feito à mão, por Alceu Medeiros
4. Pintura de Aderson Medeiros
5. Escultura de Anselmo Medeiros
6. Escultura de Almiro Medeiros

ANSELMO

7. Anselmo, jovem, tocando violão
8. Anselmo, mais velho, tocando violão
9. Anselmo com 09 anos, fazendo as primeiras esculturas em madeira
10. Anselmo, jovem, com suas esculturas em madeira
11. Anselmo no Cristo Redentor, Rio de Janeiro

A FÉ E ALGUMAS OBRAS

12. Anselmo após corte de cabelo na cidade de Canindé-CE
13. Camile aos pés da estátua de São Francisco, em Canindé
14. Anselmo conhecendo pessoalmente a “cabeça do Santo” em Caridade-CE
15. Anselmo, jovem, com suas esculturas

ADERSON MEDEIROS

16. Tia Estela, Aderson com 6 meses de vida e sua mãe: Eurídice Tavares de Medeiros
17. Aderson Medeiros com sua escultura
18. Anna Medeiros e Aderson Medeiros
19. Aderson e sua família: esposa Anna Medeiros, filhas Érika, Jéssica, Vanessa e os netos Giovanna e Rodrigo.

AMIGOS

20. Anselmo com sua amiga e também artista plástica, Irma Corecco
21. Os amigos: Sônia Leal, Paulo Herôncio, Graça, Fábio, Felipe, Alceu Medeiros, Eudes, Anselmo, Caio e Marina.
22. Márcia Leal, Anselmo, Eudes, Gardênia e Alceu.
23. Anselmo, Alceu, Dilson e Dércio.

AMIZADES, ESCULTURAS E FAMÍLIA

24. Anselmo e seu amigo Eudes
25. T Silva, Irma Corecco, César Autran fazendo curso de escultura ministrado por Anselmo
26. Amanda Leal, Carolina Leal e Camile Leal
27. Tânia Leal, Amanda, Carolina e Camile em exposição de Anselmo no Estoril
28. Tânia, Idelzuite, Márcia, Anselmo, Camile, Carolina e Amanda no Estoril

OS IRMÃOS

29. Os irmãos: Arlete Medeiros, Almiro, Aderson, Anselmo, Alceu e Arnilda Medeiros
30. Alceu, Arlete, Anselmo e Arnilda: jovens, no quintal de casa
31. Origem da família: Alceu, Almiro, Eurídice Tavares de Medeiros, Aderson, Jeremias Sales de Medeiros, Anselmo, Arlete, Arnilda e Adonias.
32. Printscreen de videochamada no momento em que Camile deu a notícia para os tios e tias, que passou no mestrado e que a pesquisa é sobre a família.

PASSADOS E PRESENTES

33. Juventude: Alceu, Anselmo, Almiro e Loro de Itapajé
34. O pai Jeremias Sales Medeiros quando era criança, em 1924
35. Almiro, Anselmo e Aderson
36. Balbino pelos olhos de Anna Medeiros
37. Aderson Medeiros em uma de suas exposições ao lado de sua amiga Rachel de Queiroz

OS TIOS E AS SOBRINHAS

38. Aderson, Anselmo, Vanessa e Érika
39. Anselmo e as sobrinhas Érika e Jéssica ainda crianças no Rio de Janeiro.
40. Alceu com a sobrinha Amanda em São Paulo.
41. Aderson com a sobrinha Camile
42. Amanda, Camile, Carolina, Mari Tieko, Alceu, Marina Tieko e o cachorro Kilua em São Paulo.
43. Jéssica, Amanda e Érika quando crianças no Balbino

LOS MEDEIROS

44. Los Medeiros: Almiro, Eurídice Tavares de Medeiros, Aderson, Érika, Camile, Amanda, Arnilda, Anselmo, Carolina, Jéssica e Arlete reunidos pela primeira vez na casa da avó Eurídice.
45. Amanda, Carolina, Márcia, Mari Tieko e Anselmo em São Paulo.
46. Anselmo, Alceu e Almiro na Praia do Barro Preto.
47. Avó Eurídice e Carolina

FILHAS E NETA

- 48. Amanda, Anselmo e Márcia
- 49. Anselmo e a filha Carolina
- 50. Anselmo e a neta Sofia Leal
- 51. Camile e Amanda com escultura do pai Anselmo

MINHA MÃE, MÁRCIA

- 52. Márcia em Curitiba
- 53. Márcia na beira mar de Fortaleza
- 54. Casamento de Anselmo e Márcia Leal de Medeiros

FORMATURAS

- 55. Formatura da Márcia com os pais Idelzuite, Viana Patrício e Anselmo Formatura do Anselmo com Carolina, Camile e Márcia
- 56. Formatura da Camile com o pai Anselmo
- 57. Formatura da Carolina com os pais Anselmo e Márcia

AS OBRAS II

- 58. Pintura de Aderson Medeiros
- 59. Escultura de Madeira e Arame de Almiro Medeiros
- 60. Abajur artesanal, feito por Anna Medeiros, com matérias-prima do coqueiro
- 61. Mural pintado por Carolina Medeiros, localizado na Rua dos Tabajaras
- 62. Desenho de pássaro de Alceu Medeiros
- 63. Desenho feito por Jeremias Sales Medeiros
- 64. Crochê feito por Arnilda Medeiros
- 65. Escultura de Pedra-sabão de Anselmo Medeiros

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADO

PERGUNTAS AOS ARTISTAS

Nome completo, a arte que faz.

Quando começou a produzir?

Fala um pouco sobre sua vida.

Qual sua técnica para produzir suas obras?

Quais as suas inspirações? Influências?

Para você, o que significa ser artista? E cearense? Houve dificuldades? Quais?

Cite uma obra de arte em Fortaleza de que você gosta, ou um local.

Fale sobre sua família, e qual o papel da sua família para você.

Um recado para quem é artista.

Por fim, diga a primeira coisa que vem à sua mente.

PERGUNTAS AOS FAMILIARES

Nome completo, lugar na família e profissão.

Como é a relação de ter um artista em casa?

Essa arte te influenciou? De que forma?

Qual sua relação com toda a família Medeiros?

Deixa uma mensagem para seu familiar.

APÊNDICE C – ORIENTAÇÕES AOS ENTREVISTADOS

Olá bom dia,

Nossa entrevista está marcada para dia __/__/__ a partir de __ horas.

Algumas orientações:

- 1- Vamos filmar seu ateliê, alguns cenários da sua casa/apto de que goste bastante e as redondezas do local.
- 2- Também serão entrevistadas(os) sua esposa e suas(seus) filhas(os).
- 3- Se puder, separa algumas fotografias de que você gosta (suas, da sua família, amigos), assim como matérias de jornais etc.
- 4- Já vai separando algumas obras suas, para a gente filmar.
- 5- Provavelmente vou passar a manhã e um pedaço da tarde na sua casa, tudo bem?
- 6- Eu já tomei as 2 doses da vacina mas não se preocupe, irei de máscara e teremos todo o cuidado durante todo o tempo que estiver por aí.
- 7- O documentário será bem simples, mas farei com todo o amor e dedicação que puder.

Nós nos veremos em breve, obrigada por aceitar fazer parte disso comigo.

APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

Eu, _____, portador(a) do CPF _____, AUTORIZO a **Camile Leal de Medeiros**, sediada em Av. Edilson Brasil Soares, nº 2175, Fortaleza - Ceará, a utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados para o **documentário: “Los Medeiros”**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: dissertação de mestrado da autora Camile Leal de Medeiros, em redes sociais, televisão, cinemas, exposições em eventos, jornais, programa para rádio, entre outros.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo **Camile Leal de Medeiros**, ainda a realizar nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e **Camile Leal de Medeiros**.

DECLARO, portanto, que estou de acordo com essas imagens, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente, e que tenho ciência de que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente a autora da obra audiovisual, que poderá usá-lo a seu exclusivo critério.

Fortaleza, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do Cedente

ANEXO A – MATÉRIA DE JORNAL SOBRE OS 5 IRMÃOS HOMENS E ARTISTAS DA FAMÍLIA TAVARES MEDEIROS EM 1982

O POVO DO LINO-2

Fortaleza, Domingo, 21 de fevereiro de 1982

Adererson Amiro Adonias Alceu irmãos no sangue e na arte!

Texto de Concy Bezerra
Fotos de Celso Oliveira



Os irmãos Medeiros tentam mostrar que a casa também consegue milagres

Aderson Amiro, Adonias, Alceu e Alceu Medeiros. Um grupo de irmãos artistas de Fortaleza, com o nome de "Os 5 Irmãos Medeiros", tem se destacado no cenário artístico brasileiro. O pai, Alceus Medeiros, sempre se interessou mais pelos estudos do que pela arte. Alceus, o mais velho, é engenheiro. Alceu, o mais novo, é músico. Adonias, o mais velho, é músico. Alceu, o mais novo, é músico. Alceu, o mais novo, é músico.

Uma vez estudou de longe, participando de trabalhos de cada um, com o que seria facilmente compreendido pelo tipo de trabalho e expressão artística. Assim, a arte se fez compenetrando Adonias Medeiros desde quando, ainda criança, recebeu a companhia dos demais irmãos de casa e se aproximou do mundo da arte e se aproximou do mundo da arte e se aproximou do mundo da arte.

de subversão, que tem como fim a expressão e o poder de questionamento das pessoas. É esse esse mesmo espírito que levou os irmãos Medeiros a se dedicarem ao mundo da arte. Eles se dedicaram ao mundo da arte. Eles se dedicaram ao mundo da arte. Eles se dedicaram ao mundo da arte.



Rejeitado, Adonias se mostra descepcionado com o desenho à arte

Individualidade assegurada. Mas fora o submundo Medeiros, a letra "A" indicava seus nomes e as experiências de infância, comuns a todos eles, o trabalho de cada um e individualidade e a formação artística de cada um, separadamente, resulta de um aproveitamento pessoal que cada um deve ao mundo que o rodeia. São filhos de uma família que se dedica à arte e se dedica à arte e se dedica à arte.

A necessidade de botular. Embora a escolha seja uma atividade comum a todos os Medeiros, não se pode se tratar manifestações artísticas que são a arte. Adonias pinta e faz esculturas em pedra e madeira, tendo ganhado recentemente bolsa de estudos no Centro de Cidadania de Curitiba. Adonias pinta, compõe músicas e escreve poemas. Alceus, o mais velho, é músico. Alceu, o mais novo, é músico. Alceu, o mais novo, é músico.



Em Alceu, o pintor faz seu forte quanto a escultura e o músico

60 ANOS DE ATRASO. A constatação de vício semelhante no momento em que se comemora 60 anos da Semana de Arte Moderna, só consegue refletir a certeza de que o Ceará está, no mínimo, 60 anos atrasado, só a nível de Brasil em termos culturais. A falta de interesse e valorização por parte do Estado de maneira deficiente cultural, que gera, não apenas a existência de condições, mas a própria existência, como a falta de que a arte seja e um produto da consciência única e exclusivamente do país. O atrasamento em que o artista se vive, a partir daí, e segundo Adonias, resultante do próprio momento histórico, que contra qualquer tentativa, em termos de acatamento de novas ideias. "É a falta de uma situação favorável", diz Adonias, pois depois de 17 anos sem falar, muita gente perdeu o hábito.

SALDOS REJEITADOS. Com participação em diversos eventos do Programa Bolsa Arte, da UFPA, Adonias Medeiros, que é formado em Agronomia, foi premiado com o 1º lugar em escultura no 8º Salão Literário de Arte Plástica, no qual voltou a figurar em 1979, e em 1981. Alceus, o mais velho, também participou em 1978, no Salão dos Nove, do qual também Adonias participou, conquistando o prêmio de 1º lugar em escultura. Em 79 foi selecionado para o Salão de Arte e em 1980 teve seus trabalhos registrados no Salão Nacional, por falta de espaço para exposição das esculturas "torção", "música" e "amor carnal", numa atitude que ele define de "consciência, crítica e ética".



Adonias abre espaço maior para a família e o sentimento nordestino



Com um trabalho altamente expressivo, Adonias abre polémica

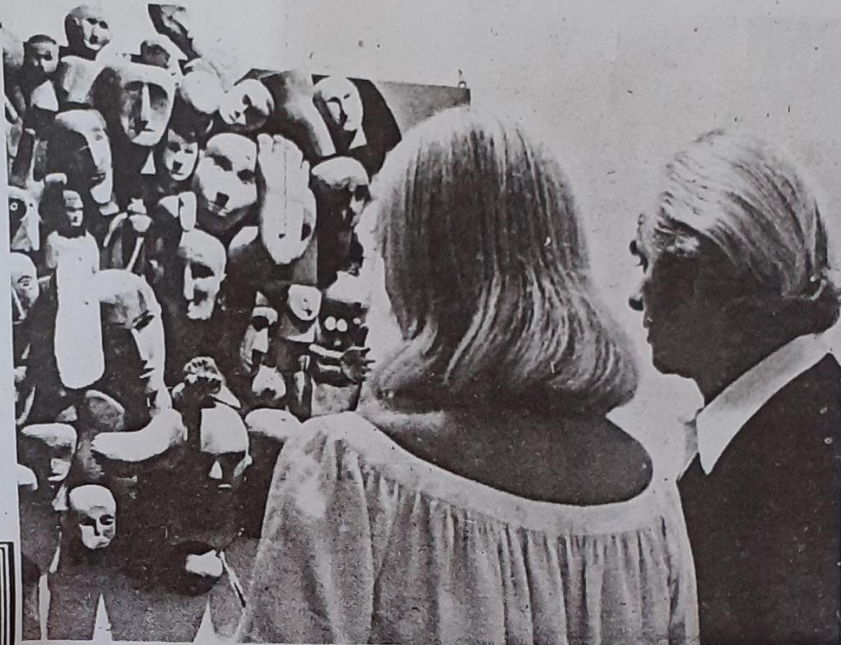


Dependência no Ceará, a arte de Adonias Medeiros conquistou vários prêmios nacionais e internacionais

ANEXO B – MATÉRIA DO THE DAILY JOURNAL EM 1980 SOBRE ADERSON
MEDEIROS

THE DAILY JOURNAL

Sunday, September 28, 1980



The fascinating work of Anderson Medeiros some of which was seen in Caracas earlier this year at an exhibition organized by the Brazilian Embassy, is included in a group show of Latin American naïf artists that opened at the Felix Gallery Thursday evening. (Photo: Eduardo Riveros Olmos).

18th and 19th centuries belonging to the permanent collection, are on view in Sala 11.

Galeria Durban, Calle Madrid, Las Mercedes. "Art for the Eighties," work by fourteen young New York artists. Represented are: Nancy Arlen, Frank Schroeder, Tom Rankin, Donald Bacchler, Tom Butter, Jean Feinberg, Cynthia, Gallagher, Joseph Hilton, Jeff Koons, Jeffrey Plate, Takao Salto, Taro Suzuki, Robin Tewes and Harvey Tulcensky.

Sala Mendoza, Edif. "Las Fundaciones," Avda. Andres Bello. The enamels of Lamis Feidman. The exhibition consists of 200 recent works by the Venezuelan artist. On display in the annex rooms of the gallery are collages by Glenn Sujo and photographs by Jorge Provenza.

The Venezuelan Artists Association (AVAP) has organized an exhibition in homage to Elisa Elvira Zuloaga, who was a founding member. Par-

exhibition opening at the National Folklore Museum in Los Chorros. The show consists of 138 instruments the majority of which are still in use in Venezuela. Daria Hernandez, director of the museum, and her assistant Cecilia Fuentes have prepared an ample catalogue to accompany this exhibition, a display of educational materials on the history of musical instruments and a video that will be shown at the museum.

Galeria Felix, 3rd Transversal between Avenidas Luis Roche and San Juan Bosco, Altamira. An exhibition titled Magic and Dream in the Naïf Art of Latin America. The show, which will be open to the public until October 5, features the work of: Aleix, Mexico; Seymour Bottex, Haiti; Louls Fonseca, Colombia; Gato Frias, Argentina; Luis Jaso, Mexico; Isabel de Jesus, Brazil; Aderson Medeiros, Brazil; Fernand Pierre, Haiti; Francisco Da Silva, Brazil; Carlitos Souza, Brazil; Santiago Tuc Tuc, Guatemala;

and Antonio Velasquez, Honduras.

Casa de Bellard, at the Pantheon, "Cipriano Castro in Caricature," is the current exhibition presented at the historic Casa de Bellard by the Committee for the Preservation of Documentary Heritage. Included in this exhibition are caricatures of the former Venezuelan dictator Cipriano Castro as they appeared in the press of the United States and Europe.

"Angel Boscan" Gallery, Central University. Recent paintings by Pedro Millan. A student at the UCV Art School, Millan has previously shown his work in several groups shows. Among them the 25th Arturo Michelena Salon in Valencia.

Euro Americano Gallery, Avenida Luis Roche, and 3rd Transversal, Altamira. Recent prints and drawings by Marisabela Ermlyny.

ANEXO C – ENTREVISTA CONCEDIDA POR ANSELMO PARA O JORNAL, SEM IDENTIFICAÇÃO DE DATA

Anselmo desabafa:

“A escultura é uma arte discriminada”

“Já se tornou quase rotineiro o rosário de lamentações, por parte de pintores, poetas, artesãos, músicos e artistas em geral, no que se refere à falta de apoio dispensado à sustentação e valorização de suas produções. Mas nada é tão contundente quanto a verdadeira discriminação alimentada contra a escultura”. Essa é a opinião do escultor, desenhista e compositor Anselmo Medeiros, que, depois de ter sua arte ignorada, no Ceará, por alguns anos, acaba de receber convite para expor, em novembro próximo, na Galeria Eskultura, em São Paulo.

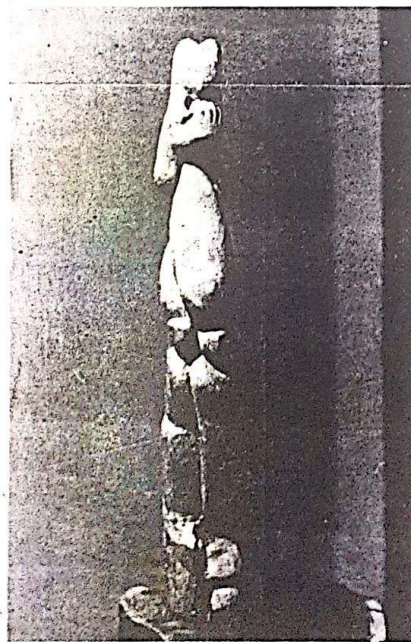
Texto de Concy Beserra

Com vasta produção estocada em casa, ele diz que passou a preservar suas peças da indiferença do público e dos chamados críticos de arte, desde o momento em que se tornou flagrante, a incompetência destes para julgá-las. “E não sou apenas eu que penso assim – garantiu. O próprio Zé Pinto, já teve trabalhos cortados, em determinados salões, por falta de espaço”.

ESCULTURA E ARTES PLÁSTICAS

Premiado no Salão dos Novos, em 1978, no ano seguinte ele teria um de seus três trabalhos inscritos, cortado, sob a mesma alegativa: falta de espaço. “A partir daquele momento, disse, não me restaria outra alternativa, a não ser a certeza de que, os chamados salões de arte do Ceará, não dispõem espaço para a escultura. Quando se fala em artes plásticas, aqui, não se pensa em escultura”.

Desenhista e compositor, além de escultor, eu já foi induzido, em mais de uma ocasião, continuou, a abrir mão da intenção de expor minhas peças. Afinal, tentavam me convencer os coordenadores de exposições, seria melhor e mais prático expor desenhos, defender músicas. Por que escultura; essa manifestação artística tão hermética, que o povo

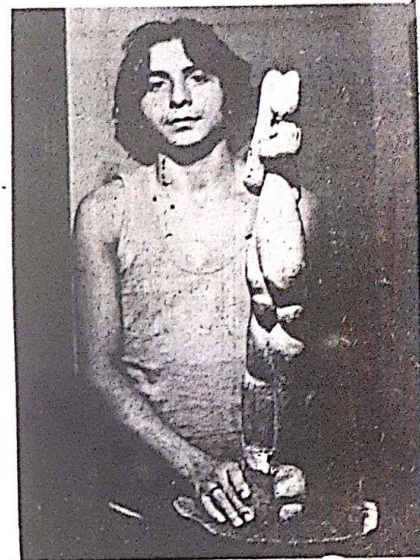


Nas figuras todo engajamento com a realidade do Nordeste

não entende? E essa, via de regra, a mentalidade dos “entendidos” em arte, de Fortaleza”, concluiu.

Irmão do premiado artista plástico Aderson Medeiros, Anselmo partilha a dedicação às artes, com os irmãos Almiro Medeiros, Adonias Medeiros e Alceu Medeiros

— todos com participação em diferentes exposições oficiais. Reafirmando a disposição de dedicar-se, cada vez mais, ao estudo e pesquisa das diferentes técnicas de produção de esculturas em mármore e bronze, materiais por ele utilizados, ele tem sempre procurado se reciclar, frequentando cursos,



Salões de arte para a escultura só quando sobra espaço

como os dois que acaba de fazer: “Iniciação a conquista do espaço”, no Parque Laje (Jardim Botânico), no Rio, com a escultora Helena Ferraz e “Escultura em mármore”, na Fundação Cultural de Curitiba, orientado pelo escultor Elvo Bento.

QUEBRA DE ISOLAMENTO

Se m d ú v i d a importantes para sua formação profissional, os cursos lhe proporcionaram algo que, a seu ver, resultou muito mais lucrativo, profissionalmente falando, que foram sessões de demonstrações de trabalhos, em ruas do centro e praças públicas. “Reservado, como a maioria dos escultores — talvez por isso mesmo um pouco responsáveis pela marginalização de sua arte — a experiência resultou enriquecedora, para mim — enfatiza. “O contato direto do artista com o público, quebra, como por encanto, todo o clima de isolamento, reforçado pelo mito, um pouco assustador que a concepção da escultura tem estruturado” — explicou o entrevistado.

Com um trabalho seriamente comprometido com a exploração de temas da realidade nordestina, do ponto de vista político-cultural, Anselmo Medeiros atribui a sua produção, uma maneira de engajamento total com a natureza. “Ao esculpir

minhas peças — sempre fazendo: “Iniciação a figuras humanas — me vejo criticando o sistema cultural, econômico, político e social vigente, com muito mais profundidade” — acredita.

criação coletiva

Criando diretamente em cima da matéria-prima, “não planejo nenhuma de minhas peças, façam surgir aos poucos”, ele diz que se entrega totalmente, ao conceber cada uma delas. “Muitas vezes tenho concebido trabalhos coletivos, ou seja, ao me concentrar num bloco de pedra, por exemplo, eu vejo não apenas uma figura a ser lapidada, mas um desenho a ser traçado, ou uma música a ser trabalhada. Assim termino fazendo tudo junto, um refletindo o outro”.

Determinado a romper um pouco o cordão de isolamento, que afasta a escultura de qualquer outra manifestação popular, numa postura herdada de toda uma cultura conservadora desenvolvida, o artista diz que começara esta espécie de catequizaçã o, ministrando cursos, para o que se coloca a disposição de entidades culturais que por acaso estejam interessadas e em contrar-l-o. Outro passo que assegura dar, será “desengavetar” todos os trabalhos confeccionados, para a realização de uma individual, brevemente.

ANEXO D – DIVULGAÇÃO NO JORNAL DE EXPOSIÇÃO FEITA PELOS IRMÃOS ADERSON E ANSELMO MEDEIROS, COM ENTREVISTA

DIÁRIO
DO FASEZATE

06 • VARIEDADES • Segundo Caderno

Fortaleza, Ceará — Terça-feira, 16 de setembro de 1985

Aderson e Anselmo Medeiros, juntos, na Assefaz Galeria

Os irmãos Aderson e Anselmo Medeiros expõem juntos pela primeira vez. Aderson vai mostrar seus famosos ex-votos (premiados por duas vezes na Bienal de São Paulo) e Anselmo a evolução de suas esculturas em madeira, pedra-sabão e mármore. A exposição, batizada de "CorrForma", será aberta, hoje, às 21 horas, na Assefaz Galeria de Arte (Rua Barão de Aracati, 909).

Aderson Medeiros, 37 anos, é um veterano das artes plásticas cearenses. Já foi premiado em importantes salões de artes e já expôs seus ex-votos em vários países. No próximo dia oito de outubro, por exemplo, ele vai expor em Milão — Ex-Voto Del Brasil e (século XVIII, XIX e XX).

Quando Aderson Medeiros começou a utilizar os ex-votos e a lançar mão de estopas em busca de uma unidade estética para seu trabalho, as críticas dos colegas foram inúmeras. "As pessoas não compreendiam — lembra Aderson — porque eu utilizava a estopa, o ex-voto, elementos lidos como menores. Mas sabiam que na Europa muitos artistas já trabalhavam com o chamado lixo estético".

No entanto, quando Aderson Medeiros ganhou em 1972 o maior prêmio da bienal de São Paulo as coisas começaram a mudar. E, hoje, Aderson Medeiros é um dos poucos artistas brasileiros que buscam a expressividade artística-cultural dos ex-votos.

— Não há repetição — explica. Cada rosto, cada mão é diferente, tem suas próprias características. O importante para mim é registrar tudo que está em volta, o povo e a paisagem cearense. Mesmo com toda a divulgação que ganhou ao ser premiado em São Paulo, a arte de Aderson Me-

deiros ainda é pouco compreendida por grande parte das pessoas — que preferem comprar um quadro que combine com o tapete ou o sofá ao investir num bom trabalho de arte.

— Meu trabalho é comercializado mais para fora do Estado. No entanto, muitos cearenses já vêem a arte com outros olhos, não apenas como objeto de decoração. Geralmente são pessoas que têm acesso aos meios culturais mais desenvolvidos. Afinal, uma obra de arte existe por si só.

NATURALMENTE

Já Anselmo Medeiros, 26 anos, dos quais oito dedicados oficialmente às "artes plásticas", vai mostrar pela primeira vez, numa individual toda a evolução do seu trabalho. Anselmo começou a trabalhar em madeira, depois tomou contato com a pedra sabão e, em seguida, com o mármore. No início predominava o figurativo com pouco relevo, depois o trabalho evoluiu para traços mais definidos, esculturas bem estilizadas.

Apesar de irmãos e artistas, não existe nenhuma influência de um para outro. Cada um segue sua trilha, seus instintos. Além, Anselmo tem um processo bem peculiar de trabalho. Sem nenhum planejamento, Anselmo vai moldando a pedra ou madeira bruta, utilizando suas formas e cores. "Trata-se, diz, de um trabalho bem espontâneo, sem nada pré-estabelecido. Tudo começa a nascer a partir da pedra bruta".

Anselmo e Aderson Medeiros abriram recentemente um ateliê, onde promovem cursos de escultura, desenho e pintura. As inscrições estão abertas na Rua Vicente Leite, 720, casa 01, Aldeota.

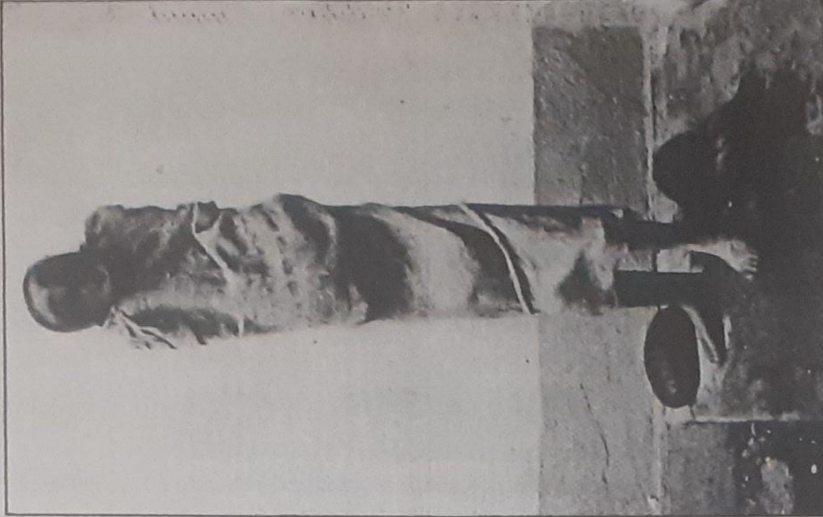
Foto: Al. Simba



Aderson e Anselmo



Escultura de Anselmo, toda a evolução



Os premiados ex-votos de Aderson Medeiros

A EXPOSIÇÃO

A exposição "CorrForma" surgiu a partir de um convite da coordenadora da Assefaz Galeria, Maria Costa Lima, aos dois artistas. A idéia da exposição é mostrar às pessoas as coisas simples, as cores da terra e do mar. "Não é preciso ver tapetes persas, nem quadros multicoloridos", diz Aderson. Na maioria das vezes, até uma escultura de uma

única cor é mais bonita do que um quadro cheio de cores.

— Nós temos no Ceará — continua — uma infinidade de cores e formas lindíssimas. As dunas, as carnaubeiras, a vegetação da praia e do sertão são um potencial muito grande para qualquer artista. As pessoas estão mais preocupadas no entanto, com as formas e cores que as novelas estão mostrando. Mas a imagem da TV, como disse o Felini, só serve para fazer cêcegas nos olhos.

ANEXO E – FOLDER DA EXPOSIÇÃO FEITA PELOS IRMÃOS EM 1986



FOTO ANNA MEDEIROS

A SAGRADA FAMÍLIA



FOTO ANNA MEDEIROS

O CASAL

PROJETO: ANNA MEDEIROS

COLEÇÃO RACHEL DE QUEIROZ

ADERSON MEDEIROS

ANSELMO DE MEDEIROS

COR/FORMA

16 de setembro à 03 de outubro/86

Assefaz Galeria de Arte

Rua Barão de Aracati, 909 - Tel: (085) 211.6355
Ramais 2608 e 2533 - CEP: 60.115 - Fortaleza-Ceará